

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**A crença em Deus e a manutenção da identidade da
população adulta de rua em Goiânia**

Elisa Crispim Paulino Baiocchi

Goiânia
2003

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**A crença em Deus e a manutenção da identidade da
população adulta de rua em Goiânia**

Elisa Crispim Paulino Baiocchi

ORIENTADORA

Dra. Carolina Teles Lemos

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Ciências da Religião, da Universidade
Católica de Goiás, como requisito para obtenção do
Grau de Mestre.

Goiânia

2003

Dedicatória

Dedico este trabalho a todo ser humano que onde quer que esteja, sinta fome ou frio. Que a simplicidade de minhas limitações humanas, não tenha interferido na essência do recado que quis transmitir.

Dedico esse trabalho à minha crença em Deus, por possibilitar-me acreditar que o ser humano, mesmo em situação tão adversa é capaz de sentir esperança ancorada na mesma crença que um dia compreendi.

Dedico ainda a meu pai Declieux, que embora tenhamos convivido apenas por seis anos, foram suficientes para ensinar-me a base da vida: o amor incondicional ao ser humano, em especial aos chamados diferentes e aos pobres.

AGRADECIMENTOS

Orlando, meu companheiro e esposo: agradeço a preocupação que teve comigo, a ponderação e a calma durante a minha ausência em nossas viagens que não fizemos juntos.

Marúcia, Flávia, Omar, Tiago, Orlando Neto, Edmar: agradeço a cada um de vocês por serem vocês mesmos, filhos que tanto amo!

Lucca: a você meu querido neto, agradeço por existir em minha vida.

Marúcia Crispim Baiocchi Cappi, minha irmã: agradeço por acreditar que eu era capaz !

Colombina Crispim Baiocchi: pela coragem e determinação com a qual lutou em sua vida e por tornar-se o exemplo de ser humano que é. Mãe, te amo!

Prof^a Dra. Carolina Teles Lemos: por ministrar a trilha da montanha com exímia maestria.

Hélyda Di Oliveira: agradeço a colega e companheira pelas horas de dedicação, apoio e encorajamento nas horas mais difíceis nesta jornada.

ÍNDICE

RESUMO.....	7
ABSTRACT.....	8
INTRODUÇÃO.....	10
1 - <u>CAPÍTULO 1 – APRESENTANDO A POPULAÇÃO ADULTA DE RUA</u>	21
<u>1 - Exclusão social e sentido de vida</u>	21
<u>1.1- A cidade de Goiânia e suas ruas</u>	25
<u>1.2 - Costurando informações e construindo um perfil da população adulta de rua de Goiânia</u>	31
<u>1.3 - De migrante a população adulta de rua</u>	38
<u>1.4 - Trabalhador escravo e sua relação com a população adulta de rua</u>	42
<u>1.5 - Desaparecido Civil e sua relação com a população adulta de rua</u>	44
2 - <u>CAPÍTULO 2 – CONCEPÇÃO DE DEUS E IDENTIDADE DA POPULAÇÃO ADULTA DE GOIÂNIA</u>	50
<u>2 - Identidade</u>	50
<u>2.1 - Identidade cultural, religião e seu aparato</u>	70
3 - <u>CAPÍTULO 3 – MODERNIDADE, SECULARIZAÇÃO E IDENTIDADE DA POPULAÇÃO ADULTA DE RUA</u>	77
<u>3- População adulta de rua em contexto de modernização</u>	77
<u>3.1 - A crença em Deus para a população adulta de rua</u>	82
<u>3.2 - Deus, Religião e a rua</u>	86
<u>3.3 - O universo simbólico e o sagrado nas ruas</u>	92
<u>3.4 - Religião, anomia e identidade</u>	95
<u>3.5 - A secularização como característica religiosa da população adulta de rua</u> ..	98
<u>CONCLUSÃO</u>	105
<u>Bibliografia</u>	109
<u>ANEXOS</u>	115

RESUMO

BAIOCCHI, Elisa Crispim Paulino. *A crença em Deus e a manutenção da identidade da população adulta de rua de Goiânia*. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2003.

O presente trabalho aborda como objeto de pesquisa a população adulta de rua de Goiânia, aqui representada por indivíduos adultos que, independentemente da raça, da cor, do sexo, do credo religioso, da etnia, estão com os vínculos sociais e familiares rompidos ou na iminência de rompê-los e fazem do espaço público urbano, sua moradia. Em nome da modernidade capitalista, em pleno século XXI, Goiânia depara-se com sua fragilidade no âmbito da política de assistência social e "acolhe" em suas ruas os filhos da miséria absoluta. São pessoas que embora nada pareçam possuir, trazem dentro de si uma grande força, a crença em Deus, que os mantém ligados à raça humana. Essa mesma força, representada em seus discursos O faz presença viva e é o sustentáculo para manutenção de sua identidade de ser humano. O rompimento e/ou desajuste familiar abordado nesse trabalho como um dos fatores propiciadores à ida do indivíduo às ruas, bem como a dependência química, merecem futuras reflexões em águas mais profundas. Quanto à religião institucional, a população adulta de rua em Goiânia, embora a respeite ao dizer ser ela importante, não se prende a seus dogmas. É o reflexo da secularização marcando sua presença no mundo cultural religioso das ruas em Goiânia: sua fé e crença em Deus transcendem as paredes institucionais.

Palavras-chave: população adulta de rua, crença em Deus, modernidade, identidade cultural e família.

ABSTRACT

BAIOCCHI, ELISA CRISPIM PAULINO. The faith in God in the maintenance of identity of the adult street population of Goiânia. Goiânia: Catholic University of Goiás, 2003.

The present work comes as a research object of the adult population of streets in Goiânia, here represented by adult individuals that, independently of color, sex, religious creed, they present themselves with broken family relationships or in imminence of it. They make the urban public space their home. In the rise of XXI century on behalf of the modern capitalism, Goiânia comes across its fragility in social attendance politics and “welcomes” in its streets the homeless in absolute poverty. Although they seem to possess nothing, they bring inside themselves the strength that keeps them linked to the human race, which is God. This force always present in their speech is a living presence which despite all keeps them linked to their human identity. The rupture or misadjust of family ties shown in this work as one of the factors that make them go to the streets, as well as chemical dependence deserve future deep thoughts. Although the respect that the adult street population of Goiânia show to the Institutional Religion, they do not follow its beliefs. This is the effect of centuries of religious creed making presence in the cultural and religious world of homeless in Goiânia. Faith in God transcends the churches and the institutional walls.

Key words: adult street population, homeless, faith in God, modernity, cultural identity and family.

O BICHO

“Vi ontem um bicho
Na imundice do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato,
O bicho, meu Deus, era um homem.”

Manuel Bandeira

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda uma problemática presente na sociedade moderna, que a olhos vistos vem crescendo quantitativamente: população adulta de rua. Quando se trata de população adulta de rua, a discussão não pode se limitar em quantificá-la, escamoteá-la ou, romanticamente, abençoá-la.

A preocupação em investigar a “A crença em Deus e a manutenção da identidade da população adulta de rua em Goiânia” surge de um forte sentimento de indignação humana, de impotência total ao recebê-la, atendendo-a enquanto assistente social no maior Hospital de referência em atendimento de urgência e emergência da Região Centro-Oeste - Hospital de Urgências de Goiânia Dr Waldomiro da Cruz, o HUGO.

Durante vários anos voltamos nosso olhar para essa parcela da população e tivemos oportunidades para conhecê-la, senti-la e aprender muito com ela, e como disse Zaluar:

“É preciso abandonar a retórica romântica de apontá-los como pessoas livres, que escolheram estar na rua como um exercício de liberdade apenas e ouvir o que dizem sobre seu sofrimento e a vontade que alguns ainda expressam de sair dessa situação de absoluta penúria. A idéia de defender este direito de ficar na rua expondo-se, à violência física e simbólica de todos os demais, inclusive de seus próprios companheiros, ou de obrigar o conjunto da sociedade a rever cotidianamente o que é apresentado nesta retórica como chaga da sociedade é que precisa ser vista e deve ser repensada. Até porque ser tratado como chaga e obrigado a ser visto assim talvez não seja o desejo dos moradores de rua” (Zaluar, 1994, p. 25).

Surge então a preocupação em como fazer, pois nosso trabalho se limitaria, ali ao espaço intramuros. Essa demanda, população adulta de rua, presença marcante no Hospital, precisaria ser devidamente encaminhada e acompanhada no decurso da reintegração à sua cidadania (se é que esteve integrada a ela algum dia), após sua alta hospitalar. O atendimento hospitalar seria apenas o começo de uma jornada de um longo processo no ressurgir da identidade de um ser humano:

“Diante do fato do convívio diário com este homem fica notória a significativa importância de levar-se a sério o acompanhamento social paralelo ao tratamento médico-hospitalar, dessa grande parcela de usuários que, nas unidades de saúde pública, no caso específico, Hospital de Urgências de Goiânia, requer a intervenção do Assistente Social” (Baiocchi, 1998, p. 156).

Goiânia se encontrava sem qualquer preparo institucional público que respaldasse as ações que eram iniciadas ali, no Hospital. Era impossível encaminhar a população adulta de rua de forma humanizada e ética para instituições públicas, com atendimento específico, pois estas não existiam. São dessa época os questionamentos sobre essa continuidade do atendimento, que não poderia se encerrar na passagem pelo hospital.

No âmbito das políticas públicas estaduais e municipais, não se falava em população adulta de rua. As pessoas nessas condições eram concebidas como “mendigo”, “andarilho”, “bêbado”, “indigente”¹. No imediatismo do trabalho em saúde pública com relação ao adulto de rua - velho conhecido -, a postura ainda é esta: “É de rua? Volta para a rua! Está na rua porque é vagabundo e bêbado”. Ou ainda: “é um à toa, tem preguiça do trabalho”.

¹ Compreendemos como população adulta de rua, todo ser humano adulto conforme Novo Código Civil Brasileiro, Título I, do Capítulo I. Art. 5º, acima de 18 anos, independente de cor, sexo, classe, religião ou etnia que, por razões adversas, encontrar no espaço público e urbano seu local para estar e viver. Em geral com os vínculos familiares dispersos ou rompidos, conforme poderá ser visto e observado no decorrer deste trabalho.

De respaldo tínhamos apenas as instituições privadas de cunho religiosas e cristãs. Eram elas católicas, espíritas e evangélicas. A melhor maneira seria conhecê-las, estreitando nossos conhecimentos, para que recebessem aquelas pessoas e, assim era, assim foi e assim tem sido. Não é difícil imaginar o que seria dessas pessoas se essas Casas de Recuperação inexistissem. Mesmo pouco podendo oferecer e em número restrito, com poucas vagas e em condições econômicas precárias, eram com quem eles podiam contar. Esse fato pode ser verificado na fala dos próprios sujeitos envolvidos, que encontram certo acolhimento nestas instituições religiosas:

“Para falar a verdade, eu passava fome. Eu hoje vejo: se não pedir comida eu vou morrer. Eu como aqui, no ‘Bom Pastor’², eu vejo no final do mês as pessoas com seu dinheiro que receberam honestamente com seu trabalho, e eu não ganho nada. Não arrumo mulher, porque não consigo emprego nem para me sustentar” (E A J).

“Vou no Bom Pastor. Alimento lá. Às vezes faço uns biquinhos. Conserto de serralheria. Até a ‘Rita’³ ficou de ir lá na vizinha da minha família para ver meu problema de abandono”(N F V).

Durante os atendimentos, a indignação continuava presente em cada dia de contato com o adulto de rua. Era inaceitável que a sociedade continuasse de olhos fechados como se nada visse ao olhar para um ser humano em condições sub humanas. Goiânia precisaria movimentar-se. Algo era preciso ser feito. O poder público municipal precisaria ser chamado a desenvolver e a exercer sua parcela de responsabilidade frente a essa nova demanda:

² Bom Pastor – Casa de Recuperação em Goiânia, Católica, que oferece refeições diárias aos adultos de rua e desenvolve um trabalho de recuperação de alcoolistas.

³ Rita – Rita de Cássia, Assistente Social, coordenadora da Casa Ser Cidadão, inaugurada em 2001, Goiânia (FUMDEC).

“Vale ressaltar que, no Estado de Goiás, não existe instituição governamental que desenvolva trabalhos específicos de triagem, desintoxicação, recuperação e capacitação profissional para que essa grande parcela da população adquira condições de concorrer ao mercado de trabalho” (Baiocchi, 1998, p. 159).

Observamos que o fenômeno ocorre em outros estados brasileiros, que em sua maioria encontram-se despreparados para atender toda essa população. Como exemplo, no Rio de Janeiro, em recente estudo realizado pela Secretaria de Desenvolvimento Social da Prefeitura do Rio de Janeiro, Departamento de Sociologia da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e a organização não-governamental Médicos Sem Fronteira, publicado na revista *Isto é* (dezembro/2002) diz que o perfil do adulto de rua é bem definido: está no auge de sua idade produtiva (em média de 38 anos) e vive de atividades informais. Os resultados são semelhantes aos apresentados pela realidade da população adulta de rua de Goiânia.

Nasce dessa insatisfação interior o nosso primeiro trabalho abordando esse objeto de análise, que foi desenvolvido em parceria com a Assistente Social Walquíria Alves Gomes: “Ser de novo: o reencontro da identidade na reconstrução da cidadania - a prática do Serviço Social no Hospital de Urgências de Goiânia⁴”, apresentado no IX Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, em Goiânia em 1998. Durante esse processo de indignação crescia a necessidade de divulgar o que a sociedade goiana insistia em manter invisível: a população adulta de rua. Segue em Anexo A, matéria publicada sobre a pesquisa realizada no HUGO.

⁴ Trabalho apresentado em julho de 1998, no IX Congresso Brasileiro de Assistente Social, realizado no Centro de Cultura e Convenções de Goiânia, que tratou de um levantamento feito com pacientes do HUGO, dependentes químicos sem vínculo familiar e em condições de adulto de rua, de autoria desta pesquisadora e em parceria com Walquiria Alves Gomes.

No início de 1999, o vereador Ozéas Porto Silva, PT/GO, ao tomar conhecimento de nossa preocupação e luta em prol dessas pessoas, convidou-nos para participar de discussões na Câmara Municipal de Goiânia acerca de Políticas de Assistência Social, e o foco de suas deficiências em Goiânia. Dentre os participantes estavam representantes das seguintes instituições: Universidade Federal de Goiás, Universidade Católica de Goiás, Secretaria de Segurança Pública, Organização das Voluntárias de Goiás, Hospital de Urgências de Goiânia, Conselho Regional de Serviço Social, Conselho Municipal de Assistência Social, Terminal Rodoviário de Goiânia e representantes de diversos segmentos religiosos, dentre outros. Foram oito meses de discussões semanais que culminaram na realização do I Fórum de Política de Assistência Social à População Adulta de Rua.

Era um momento singular, oportunidade ímpar para ser realizado um bom trabalho em prol daquela população de rua. Várias pessoas estariam reunidas para pensar naqueles seres, até então mantidos invisíveis e que caminhavam à deriva das políticas públicas e sociedade goiana. Em Anexo B, segue matéria publicada por jornal local que traça a realidade em Goiânia na época.

Considera-se relevante introduzir neste trabalho, aspectos da realidade e aspectos do perfil da População Adulta de Rua em Goiânia, resultado do levantamento realizado pela FUMDEC (Fundação Municipal de Desenvolvimento Comunitário), durante a gestão do então Prefeito Nion Albernaz. Esse levantamento foi o primeiro estudo oficial quantitativo junto a essa população, e a continuidade desse trabalho vem ocorrendo durante a gestão do atual Prefeito Pedro Wilson Guimarães. Ressalte-se, porém, que tais levantamentos ocorreram após os resultados das reivindicações pertinentes ao I Fórum Goiano de Assistência Social à População Adulta de Rua de Goiânia, em meados de 1999. Assim, deu-se início à

execução do compromisso firmado entre representantes do Fórum e autoridades políticas presentes.

Como consequência do primeiro Fórum, acontece no início do ano de 2001 a inauguração do Albergue Municipal, no Setor Recanto do Bosque, de um Posto de Atendimento ao Migrante e à População Adulta de Rua, em funcionamento no Terminal Rodoviário de Goiânia (o que poderá ser conferido em Anexo C) , e da Casa Ser Cidadão, local definido para realizar nossa pesquisa de campo e que desenvolve uma política de atenção e encaminhamentos dirigidos à população adulta de rua da cidade. Tendo em vista que iniciamos nossa pesquisa à noite, quando já estão recolhidos nas ruas para dormir, percebemos que muitos estão já alcoolizados ou sob o efeito de drogas, o que poderia comprometer os resultados da pesquisa. Tomamos então a decisão de abordá-los na Casa Ser Cidadão durante o período do dia, sempre por volta das 16 horas, por ser este o momento que lhes é oferecido o lanche e possibilidade de higiene pessoal. Ao todo foram entrevistados 30 (trinta) adultos de rua.

Após processo deflagrado durante o I Fórum de Políticas de Assistência Social à População Adulta de Rua, através da FUMDEC dá-se início a uma série de estudos que têm como objeto essa população em Goiânia. Era preciso conhecer de perto essa realidade. Reportagens contendo informações sobre alguns levantamentos realizados pela Prefeitura tornam-se uma constante nos anos de 2000 e 2001, e podem ser verificadas em anexo. A oscilação nos resultados quanto a sua totalidade é um traço marcante, revelando as dificuldades dos técnicos em tentar quantificá-los com fidedignidade.

A exemplo, em pesquisa realizada entre a população adulta de rua em Goiânia, em abril do ano 2000 e veiculada pelo jornal “*O Popular*”, em março de

2001, revelou a existência na Capital de mais de 130 pessoas em situação de extrema miséria e que muitas vezes são obrigadas a recorrer ao lixo para se alimentar. “Pegar no lixo é mais fácil que roubar. Roubar é perigoso, na maioria das vezes a gente dorme bêbado e não tem forças para sair pedindo”, afirma um adulto de rua em seu depoimento ao jornalista. Fica claro que a ética persiste muitas vezes entre eles, apesar da miserabilidade.

Fazemos ressalva para esse número de adultos de rua citados nessas pesquisas, pois é de nosso conhecimento números divergentes em outras pesquisas locais. No mesmo Jornal, em março de 2001, em outra reportagem, o vereador Luiz Cezar Bueno, afirma existirem “536 mendigos perambulando pelas ruas (...) 25% deles chegam à miséria extremada que leva à ingestão de alimentos rejeitados e atirados ao lixo”. Porém mesmo considerando essa divergência entre os números, os aspectos do perfil da população são semelhantes. Fadados ao isolamento familiar e social, as noções de dignidade, auto-estima, cidadania, se perdem no referencial humano. Normalmente, estão destituídos de documentos, saúde ou qualquer símbolo que estabeleça ligação com a dignidade de ser um cidadão. A reportagem poderá ser verificada na íntegra em Anexo D.

Há pouco tempo, em 2002, um adulto de rua, conhecido por nós como Chapolim, em suas idas e vindas ao HUGO, construiu sua morada embaixo de uma caixa d’água no Setor Goiânia 2. Era muito conhecido pelos moradores da redondeza que, por eles foi encontrado morto em sua maloca, construída com tábuas, plástico e papelão. Esse processo de reconstrução de privacidade no espaço público é analisado por Zaluar (1994) :

“O resultado deste processo lento e penoso que conduzem muitos à loucura é que mais facilmente os estigmas sociais, as identidades impostas, desde fora, são incorporadas nas suas personalidades, com a conseqüente perda da bússola e dos compassos internos, fundamentais na orientação psíquica da pessoa humana. E é por isso que, como todos os

seres humanos, os moradores de rua que ainda têm um mínimo de capacidade pessoal, tentam reconstituir um espaço de sua privacidade, em mocós, malocas, pequenas tendas, de trapos, pequenos abrigos de papelão” (Zaluar, CEAS, 1994, p.24).

Sem seu local definido na cidade, com o passar do tempo nas ruas, delimitam seu território, que lhes proporcionará um mínimo de segurança, onde criam o seu próprio código de honra.

Na tentativa de compreender melhor este ser humano, o adulto de rua, quisemos verificar por quê a sociedade não só o repele como o invisibiliza. Com essas preocupações buscamos saber o que acontecia no mais intrínseco de seu âmago.

Como compreender? Para esse ser que não tem nada, tudo parece impossível. Despossuído de qualquer bem material e dignidade humana, com aparência e hábitos semelhantes aos dos animais, desde dormir a céu aberto até ter como ração diária os restos alimentares encontrados entre dejetos. Às vezes consegue doações de alimentos mas, quase sempre, causa repulsa e medo àqueles que se julgam diferentes e/ou superiores, como num verdadeiro apartheid. Pensávamos, “se cortar tem coração de humano, vísceras humanas”, então o que os torna tão diferentes para que sejam negados dessa maneira? Onde está sua identidade, que o mantém ligado à raça humana?

Essas perguntas foram sendo construídas como num quebra-cabeça à cada encontro durante os anos que se passavam. Até que conseguimos vislumbrar, durante a elaboração da pesquisa de campo, a questão norteadora deste trabalho, a partir do raciocínio de Parker (1995, p. 138), que diz que “a religião demarca forte presença no território da construção de mundo do indivíduo que vive em sociedade”. No Brasil, como em toda a América Latina, a sociedade tem um profundo sentimento religioso, manifestadamente “diferencial e complexo”. A figura divina surge com

sentido “consistente e multiforme”. Parker (1995), ao fazer uma analogia entre a fé Latina e a fé brasileira, percebe que a fé em Deus “... é a transmissão de uma experiência vital, mais que a razão da vida, é a força que a sustenta” (Parker, 1995, p. 139).

Ao dar seguimento nesse pensar, com uma certa lógica, analisamos que, se a realidade da construção de mundo religioso e a fé em Deus é experienciada pelos indivíduos que compõem a sociedade brasileira, essa fé é realidade viva, é a força que a sustenta e essa realidade viva não difere da realidade vivida pela sociedade goiana, pois esta é parte daquela. Portanto, Deus também é uma realidade viva na construção da identidade dos indivíduos. Este pensamento faz-se valer para os adultos de rua que se mostram em Goiânia, em sua grande maioria ou quase totalidade, pois é composta por brasileiros, goianienses, goianos ou não.

A população adulta de rua, mesmo que alijada dos meios sociais da intersubjetividade de sentido, nos interstícios dessa sociedade está contida. Seria Deus também uma presença viva para ela? Se Deus se faz presente em sua vida, se ela crê em Sua existência, se é para ela realidade viva, qual a função que desempenha para ela? Como é justificado para essa população de rua, ser filho de Deus, se ela é a excluída das excluídas. Por que permite Deus tanto sofrimento?

Com a sistematização e elaboração dessas questões e o contato com essa população durante a pesquisa de campo, delinearam-se as hipóteses do trabalho:

1. O desajuste familiar desempenha papel fundamental, viabilizador da desestruturação da identidade do indivíduo, impulsionando-o às ruas, levando o adulto de rua a romper com regras de estruturas mentais antes estabelecidas e pré-estabelecidas na construção do *ethos* familiar;

2. Mesmo em petição de miséria total, destituída da possibilidade de ser um ser humano, desempenhando um papel de miserável para a sociedade que o invisibiliza, há um traço forte, marcante entre a identidade cultural do adulto de rua e a sociedade mais ampla. Trata-se da crença incondicional, da fé em Deus.
3. Deus, para a população adulta de rua, desempenha uma função fundamental, justificadora do querer viver, mantendo aceso o elo com a sua identidade cultural originária, sendo sua base e força vital.

Para fins de desenvolver este trabalho, consideramos como população adulta de rua em Goiânia, as pessoas adultas que, independentemente do tempo, do espaço, ou do lugar de origem, da cor, da etnia, do sexo, do grau de instrução, estiverem sob a mercê da vida nas ruas, vivendo o submundo da miséria, sem um teto digno, uma casa definida e entendida como sua moradia, longe dos seus familiares e com vínculos afetivos rompidos ou em iminência de romper.

Quanto à estrutura, este trabalho foi sendo elaborado de acordo com a seguinte lógica: no capítulo I, faz-se uma incursão no processo de exclusão social da população adulta de rua, relacionando-o ao distanciamento de suas raízes originárias ou do seu mundo formador da identidade cultural. Retomamos o cenário no qual vive o adulto de rua em Goiânia e o perfil dessas pessoas. Quem são? Como vivem? De onde vieram?

No capítulo II, trabalhamos a fundamentação teórica da identidade e sua relação com a religião.

No capítulo III buscamos respaldar nosso trabalho pensando no contexto da modernidade, secularização e seu reflexo no mundo cultural religioso incidindo sobre as pessoas adultas de rua.

Os dados foram analisados no decorrer nos capítulos. Optamos por utilizar siglas ao invés dos nomes dos entrevistados para preservar a identificação dos mesmos.

Em anexo foram incluídas reportagens referentes a algumas pessoas e situações citadas durante o trabalho; fotografias da população adulta de rua, na rua e à noite, quando recebiam alimentos e na Casa Ser Cidadão; relatório final do I Fórum de Política de Assistência Social à População Adulta de Rua de Goiânia e documento referente ao pronunciamento proferido pelo Deputado Pedro Wilsom, por ocasião da Audiência Pública sobre os Desaparecidos Civis, realizada pela Comissão de Direitos Humanos, no dia 18 de agosto de 1999.

No trabalho nos inspiramos na pesquisa qualitativa, com análise bibliográfica, fichamento de livros e cruzamento de dados. Para verificar a hipótese, foi realizada a pesquisa de campo no período de junho a outubro de 2002, em Goiânia. De início a pesquisa ocorreu durante o período da noite, às segundas-feiras, perfazendo o trajeto da Praça Joaquim Lúcio, em Campinas, seguindo pela Avenida Independência até o Terminal Rodoviário de Goiânia.

Esta pesquisa é apenas o início de uma reflexão pertinente à população adulta de rua de Goiânia que é um dos frutos da sociedade moderna. Tem a intenção de despertar nas pessoas que tiverem acesso a esta leitura, o descortinar de uma realidade tão visível, porém obscurecida nos interstícios da sociedade goianiense.

CAPÍTULO 1

APRESENTANDO A POPULAÇÃO ADULTA DE RUA

1 - Exclusão social e sentido de vida

Para compreender a população adulta de rua, é preciso compreender o processo pelo qual esses indivíduos, uma vez distanciados de seu contexto sócio-familiar originário, ou de seu mundo de identidade cultural, estarão sujeitos a exercer novos papéis para sua própria sobrevivência. Papéis que o identificarão no processo de excluídos da sociedade. No caso desta pesquisa, podemos perceber que a desestruturação familiar, aliada aos graves problemas econômicos exercem função importante sobre essa população, com relação ao fato dela viver nas ruas.

Macedo (1994) questiona elaborando em seu texto: “Pode-se falar em uma família brasileira? Dada a enorme corrente imigratória para o Brasil de diferentes famílias oriundas de diversos países, como considerá-las? Não seriam as famílias afetadas de diferentes maneiras pelas crises econômicas...? seria a família atual diferente da família do passado?” (Macedo, 1994, p. 5). Entre as mudanças fundamentais, estão as questões de gênero, com a mulher e sua nova posição na

sociedade e na família, divórcio, homossexualidade, controle da natalidade (Macedo, 1994).

Essas questões vieram a contribuir para a desestruturação familiar, além das crises econômicas. Considera-se família estruturada aquela que proporciona relações satisfatórias de afeto, em um contexto que supra as necessidades primárias de seus membros quanto à sua sobrevivência.

Refletindo um pouco mais no que seria família para essas pessoas que estão nas ruas, retomamos o processo de modernização e as transformações ocorridas incidindo nos modelos da família brasileira. Hoje, porém, ao conceituá-las, há um consenso geral: “Isto é, há um consenso no que diz respeito ao conceito de família, que implica a idéia de uma entidade composta de certos membros - pai, mãe, filhos - com determinação de procriar e cuidar da prole” (Macedo, 1994, p. 63). Essa concepção aparece na fala dos entrevistados:

“Morava na roça, meus pais morreram, fiquei desnordeado. Sou filho único, a irmã mudou, vendeu a casa e fiquei na rua. Ela tinha filho, solteira, não fiz nada. Sou homem, tenho que dar conta. Vim para Goiânia e não consegui trabalho. Fico na rua, não bebo, não fumo, polícia nunca pôs a mão em mim em 4 anos de rua” (E R J).

Com a desestruturação das relações familiares, se rompe o refúgio e a segurança interna. Quanto a sua função, a família é, no imaginário coletivo, um refúgio seguro para o acolhimento após a luta no cotidiano. São na família que ocorre a socialização da criança por intermédio da comunicação e transmissão cultural, dos valores, regras, “...portanto um poderoso agente para manutenção da continuidade cultural, isto é, um valor social e universal” (Macedo, 1994, p. 63).

Para a grande maioria das pessoas que estão nas ruas, em especial as de origem pobre, a família associa-se àqueles em quem se pode confiar. Suas fronteiras não se rendem à pertença de um grupo genealógico, segundo Sarti (1996,

p. 62), e a extensão vertical do parentesco segue àqueles com quem convivem ou conviveram. Para os pobres, seguindo conceito de Sarti (1996), família define-se em torno de um eixo moral, e suas fronteiras devem ser tratadas a partir dos princípios da obrigação moral. Esses princípios traçam as relações definindo a pertença ao grupo familiar:

“Dispor-se às obrigações morais é o que define a pertinência ao grupo familiar (...). Essa dimensão moral do parentesco, a mesma que indiferencia os filhos de sangue e de criação, delimita também sua extensão horizontal. (...) a relação entre pais e filhos constitui o único grupo em que as obrigações são dadas, que não se escolhem. As outras relações podem ser seletivas, dependendo de como se estabelecem as obrigações mútuas dentro da rede de sociabilidade. Não há relações com parente de sangue se com eles não for possível dar, receber e retribuir” (Cascardo *apud* Sarti, 1996, p. 63).

Nas primeiras décadas do século XX, época acentuada por transição de valores na sociedade brasileira, tida como patriarcal, passa-se para uma nova ordem econômica e social. (D’Incao, 1989), as mudanças sociais no sistema de aliança começam a influir na ordem familiar. O indivíduo é livre na escolha matrimonial.

Não se pode negar o caráter variado que é atribuído à família brasileira. As variações regionais, por segmentos sociais e por cor são fatores relevantes. Segundo Goldani (1994), essas desigualdades delineadas pelas diferenças econômicas individuais, dão o contorno às discussões sobre família:

“ As relações familiares mostram-se fundamentais tanto no nível pessoal quanto como uma força potencial de organização e suporte para enfrentar as difíceis condições de vida” (Goldani, 1999, p. 21).

A população adulta de rua, em geral, não conta com esse suporte de força potencial de organização familiar. O estar no mundo das ruas é um fenômeno com vários indicadores e várias faces. Nas grandes metrópoles brasileiras, sua sociedade, herdeira de um passado histórico de massacres, permanece anestesiada

ao incorporar inconsciente ou conscientemente o senso comum de banalização da miséria e da pobreza absoluta:

“Exclusão social constitui um fenômeno multidimensional que não se restringe à insuficiência ou ausência da renda, mas expressa a combinação de várias desvantagens que impedem o excluído de pertencer à sociedade e de nela ser reconhecido como sujeito de direitos” (Gomes , Fragmentos de Cultura, 2000, p, 771).

Qual é a explicação da sociedade frente a esses indivíduos excluídos de tudo, que se despem de sua dignidade, de sua identidade? A pobreza, a miséria introjetada no imaginário coletivo da sociedade, percebida de forma natural, vem ao longo da história brasileira, perpetuando essa desdita.

Por falar em história brasileira lembramos o século XIX: a Lei do Ventre Livre, impulsionando a miséria e a exclusão social, com seus códigos emblemáticos cunhados por liberdade. Não era o ventre livre, era o ventre de uma política de cárcere privado, gerando em uma armadilha ardilosa indivíduos tangidos por uma nódoa de ideologia racista que perdura ainda hoje. Em pleno século XXI, a sociedade, sob a flâmula da democracia, diz que o ser humano é livre. Fazemos aqui uma analogia ao período feudal, submetendo o indivíduo à proteção do mais forte, que dominava sua liberdade determinada pelas questões políticas vigentes na época. Hoje, quem não se qualifica ou não acompanha o desenvolvimento sócio-tecnológico, tem como liberdade, viver nas ruas. “É apenas por oposição a esta liberdade que, naturalmente, em determinadas condições, nunca nos sentimos tão solitários e isolados como no bulício das grandes cidades” (Simmel *apud* Fortuna, 1997, p. 38).

Observamos que a grande maioria da população adulta de rua em Goiânia é de origem rural, em geral oriundos de famílias humildes e destituídas de bens materiais, de educação formal, ou de bens propiciadores de uma organização

interna razoável para que não falte o básico para sua sobrevivência e a manutenção de sua dignidade social.

“Aponta-se, assim, como indignidade social maior a ignorância; não, porém, aquela que a pedagogia reconhece não existir, porque todos possuem história própria, cultura, linguagem, saberes, mas aquela politicamente cultivada e reproduzida. Por trás dela está a dinâmica histórica desigual que, no capitalismo, aparece mais sob a capa do mercado e por isso mais facilmente se traduz na miséria material” (Demo, 2000, p. 35).

Afirma Demo (2000) que todos têm história própria, cultura, linguagem, saberes. Os indivíduos de rua desses valores lançam mão, ao verem-se nos becos e calçadas. São os excluídos dos excluídos, destituídos da possibilidade de expressão de qualquer parte de si mesmos. Há um abismo social que os domina em sua mansuetude de submissão da consciência.

1.1- A cidade de Goiânia e suas ruas

Por um lado a cidade de Goiânia depara-se com seus edifícios e suas instituições educativas, sociais e políticas, com os *shopping centers* repletos de serviços urbanos satisfazendo as relações sociais da modernidade. Por outro, indivíduos são flagrados pela incompetência da qualificação de sua mão-de-obra no aglomerado urbano (Fortuna, 1997).

Pensando na realidade de Goiânia, reportamos as suas principais avenidas, praças, monumentos, seus artistas e escritores. Pensar em suas árvores do cerrado espalhadas e bem cuidadas em seus bairros nobres, em seus cinemas, em seus clubes, no luxo de seus condomínios fechados, na antiga Campininha⁵, na Praça

⁵ Campininha – Campinas, bairro antigo de Goiânia, carinhosamente chamado por seus antigos moradores de Campininha.

Joaquim Lúcio, na Avenida Independência, em seu longo traçado até o Terminal Rodoviário.

Pensar em Goiânia traz à lembrança pessoas que habitam as calçadas na calada da noite, rebuçados de cobertores sapeca negrinho⁶ ou mesmo de jornais velhos; são os espaços públicos divididos por funções divergentes pelo tempo. Durante o dia ocupam-se desses espaços pessoas com seus afazeres, apressadas em um ir e vir sem fim. Esses espaços, à noite, transformam-se em um berço esplêndido a acalantar corpos cansados de mais um dia vazio de buscas individuais, solitárias e efêmeras, em fronteiras invisíveis e intransponíveis.

Falar sobre Goiânia, em suas belas noites de lua cheia e céu estrelado, são elementos óbvios e inquestionáveis. Porém não ao ponto de inibir ou refutar a análise de Arantes (*apud* Fortuna, 1997), a cerca da formação urbana insensata ou tampouco em seu espaço social estruturado cotidianamente sob os moldes da elaboração de fronteiras contraditórias propiciadora de uma arquitetura de “lugares e não-lugares”:

“Nesses espaços que tudo põe em relação, o planejamento urbano e as práticas de vigilância afetam os sistemas sociais, a moralidade e as territorialidades efêmeras que se formam nas ruas. Ruas fechadas ao trânsito, corredores de tráfego, terminais de ônibus, zonas de estacionamento regulamentado, concentração de lojas, escritórios: as normas de zoneamento constroem outras fronteiras, atendendo a critérios técnicos e a interesses empresariais. As rotinas de policiamento e a repressão extensiva sinalizam a autoridade e teatralizam o controle. Ambos, planejamento e policiamento, apagam limites e fronteiras que são custosamente construídos e incessantemente reconstruídos pelos habitantes das ruas nas suas práticas cotidianas” (Arantes *apud* Fortuna, 1997, p. 266).

⁶ Sapeca negrinho – cobertores de lã, de espessura fina, de baixo valor comercial. Quase sempre doados durante ações assistencialistas no inverno.

O espaço social da cidade de Goiânia estrutura-se, estabelecendo fronteiras de mundos apartados e contraditórios. Durante o dia, embaixo das mesmas marquises das grandes lojas e dos grandes edifícios, que abrigam empresários, comerciantes e o público consumidor em um transitar frenético. Servem durante as madrugadas de abrigo a indivíduos que buscam durante o parco repouso noturno, passar de mais um dia para o outro. Arantes (*apud* Fortuna, 1997) ao analisar o espaço urbano de São Paulo, descreve situações pertinentes ao espaço urbano das grandes cidades brasileiras ,bem como ao contexto da realidade goianiense atual:

“Os habitantes deslocam-se e situam-se no espaço urbano. Nesse espaço comum, quotidianamente trilhado, vão sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam ou, numa palavra, ordenam as categorias e os grupos sociais nas suas mútuas relações. Por esse processo, ruas, praças e monumentos transformam-se em suportes físicos de significações compartilhadas” (Fortuna, 1997, p. 259).

À luz do pensamento de Wirth (*apud* Fortuna, 1997), analisamos Goiânia em seu contexto moderno urbanístico, elevado hoje ao conceito de metrópole, com mais de um milhão de habitantes:

“A preponderância da cidade, especialmente da grande metrópole, pode considerar-se resultante de sua elevada concentração em instalações e atividades industriais, comerciais, financeiras e administrativas, vias de transporte e linhas de comunicação, equipamento cultural e recreativo, como a imprensa, estações de rádio, teatros, bibliotecas, museus, salas de espetáculos, óperas, hospitais, instituições de ensino superior, centros de investigação, editoras, organizações profissionais, instituições religiosas e de assistência social” (Wirth *apud* Fortuna, 1997, p. 47)

Goiânia é palco de atração, exercendo influência sobre a população do estado de Goiás e a população de outros estados brasileiros no que tange aos seus recursos políticos e instalações institucionais, sendo um dos pólos mais atrativos, o âmbito de saúde pública.

Ao dar continuidade no processo de compreensão da população adulta de rua de Goiânia, ao analisar seu cotidiano, devemos retomar o cenário das ruas do centro da cidade, das casas de recuperação, albergues, hospitais públicos, aonde vão ou para onde essas pessoas são levadas em busca de qualquer tratamento de saúde. O Terminal Rodoviário de Goiânia é um dos locais onde essa população se torna visível: “Ela se mostra nas ruas, nas praças, invade o espaço público e ganha nova visibilidade, expressando-se tanto no não-acesso a bens simbólicos, quanto na carência de cidadania” (Junca, 2000, p.78).

Essa população encontra-se nas ruas, em abrigos improvisados: becos, mocós (esconderijos), embaixo de pontes, de viadutos, nas praças, nas calçadas, e/ou nas rodoviárias. Após o recente contrato de concessão de uso e exploração comercial do Terminal Rodoviário de Goiânia, expedido pela Secretaria Estadual e Transporte de Obras Públicas - SECTOP - sob o registro de número 001/98, em 14/07/98, o adulto de rua que estiver sóbrio e com a aparência limpa poderá ser visto por lá, mais especificamente na Casa do Migrante⁷ ou no Centro de Atendimento do Migrante⁸. Fato confirmado na fala de um adulto de rua.

“Todo mundo não pode ser igual. Eles têm família, e nós? Não tenho nada. Eu gosto de assistir novela lá na Rodoviária. Sou limpinho, tomo banho, troco de roupa. A polícia manda os outros saírem à meia noite, e nunca falam nada para mim”(E R J).

Ao ouvir esse adulto de rua dizer que não tem nada, referindo-se à sua família, buscamos compreender em Sarti (1995) qual importância e papel teria a família para as pessoas em situação como a dele:

⁷ Casa do Migrante – Serviço mantido no Terminal Rodoviário de Goiânia pela Pastoral do Migrante – Igreja Católica – designado ao atendimento de migrantes e População Adulta de Rua e coordenado pela irmã Zenaide.

⁸ Centro de Atendimento do Migrante – Serviço mantido no Terminal Rodoviário de Goiânia pela FUMDEC – Fundação Municipal do Desenvolvimento Comunitário – designado ao atendimento de migrantes e População Adulta de Rua.

"Particularmente algumas representações sociais dos pobres como 'os outros' (eles), reafirmadas pela produção acadêmica mais ou menos recente, trazem questões para discussão da família entre os pobres urbanos. Pensando que a família não é apenas o elo afetivo mais pobre dos pobres, o núcleo de sua sobrevivência material e espiritual, mas constitui um valor fundamental (...), sendo uma referência básica na construção do seu universo simbólico, refiro-me a duas concepções nem sempre explícitas mas presentes na própria insistência em se pensar os pobres como os outros" (Sarti *apud* Ribeiro, 1995, p.131).

Goiânia, hoje, já considerada metrópole brasileira, vive realidade semelhante à de outras capitais, como São Paulo e Rio de Janeiro, conforme Zaluar (1994), entre outras, convivendo com parte de sua população em condições de sobrevivência abaixo da linha de pobreza, em total exclusão social.

Assim como nesses grandes centros urbanos no Brasil, o município de Goiânia depara-se com o despreparo de sua política de assistência social. Até o ano 2000, a cidade não contava com programas ou projetos para sequer reduzir o descaso frente à população adulta de rua. Hoje ensaiam os primeiros passos nesse sentido.

Abaixo segue um quadro demonstrativo, extraído de pesquisa realizada pela FUMDEC, publicada no Jornal "O Popular" em 10 de agosto de 2001 e que indica os locais mais freqüentados pelo adulto de rua em Goiânia:

Os adultos de rua como mostra o quadro, podemos ver que estão por toda parte, por todo lado. Alguns, primando pela privacidade e, temerosos, esquivam-se, esgueirando-se de olhares curiosos, guardam ainda um certo pudor. Outros, já em

Av. 24 de Outubro	Praça Cívica	Vila Rezende	Av. República do Líbano
Praça Joaquim Lúcio	Setor Morada do Sol	Setor Rodoviário	Praça do Trabalhador
Praça Valter Santos	Praça Irmãos Soares	Praça Universitária	Rua 55 e 74 – Centro
BR 153 – Vila Redenção	Antiga Rodoviária	1ª Av. Hospital das Clínicas	Setor Santos Dumond
Viaduto do Serra Dourada	Cepal – Setor Sul	Paranaíba	Pecuária
Ponte da Perimetral Norte	Av. Independência	Av. Anhanguera	Av. Goiás
Campo do Goiás	Catedral – Rua 10	Praça das Mães	Praça Boaventura
Bosque dos Buritis	Praça da Bíblia	-----	-----

estágio deplorável de degradação humana, munidos da loucura mental adquirida pelos maus-tratos da perversa experiência de sobreviver nas ruas, não fazem questão de se esconder, não se importam com a exposição de suas figuras diante dos demais. Buscam no lixo, entre cestos de dejetos, as sobras que os alimentarão. Corpos fétidos, seus cabelos e barbas geralmente longos servem de abrigos a piolhos e sujeira, sem cor definida. Suas vestes são andrajos esfarrapados. Os olhos luscos, sem vida, sem esperança, fixam o nada e como diz Juncá:

“O miserável, que já foi o inventor de uma estranha forma de liberdade, já foi o símbolo mutante de uma verdade profunda sobre a existência humana, já fascinou artistas e intelectuais, e foi aclamado pelo cristianismo, agora perdeu a significação poética, não mais encanta, nem dá lucro” (Juncá, 2000, p. 78).

O significado, hoje, de ser miserável é penoso e traz um fardo pesado, já não fascina nem encanta a sociedade que o produz. Os miseráveis vivem humilhados esquivando-se da morte a cada noite e culpando-se a si mesmos pela situação precária em que se encontram:

“Um pouco do meu problema é psicológico. Não vivo, eu vegeto. Isso não é vida não. A gente peleja. É muita provação. Se estiver no meio da turma corre risco de morrer matado, a paulada, queimado. As pessoas se drogam, bebem e pegam a gente na covardia. São todos covardes. Prefiro ficar sozinho. Agora mesmo morreu um de pinga. Morreu de tanto beber. Chamava Galego. Semana passada morreu outro perto da rodoviária, de pinga também. Ninguém ajuda, os colegas somem” (L M S).

“Olha, eu não julgo as pessoas não. Eu penso de outra forma. Eu tenho condição de ter, não tenho porque..., não sou revoltado, eu culpo a mim mesmo. Não tenho inveja. Revolto comigo mesmo pela fraqueza e falta de atitude. Eu não conhecia esse mundo, tô correndo risco de vida, ganho a vida dia após dia. Não peço, não roubo. Eu não tenho coragem de pedir dinheiro e comprar pinga” (J T G).

Infelizmente, a realidade do viver nas ruas reafirma-se cruel e não tem nenhuma significação poética, como disse Juncá (2000). Pelo contrário, essa

situação traz-lhes um misto de sentimento de culpa, incapacidade e medo da morte, como afirma Arantes(1997) ao referir-se à realidade do espaço urbano:

“Como ocorre em todo o espaço liminar, cruzando as fronteiras entre o público e o privado, entre os gêneros, entre a necessidade e a propriedade privada,(...) povoa esse espaço, onde quase tudo pode acontecer, a sensação de risco; e aí a simples suspeita de transgressão tem justificado prisões e até por vezes, a execução primária a contrapelo dessa ordem pública ritualizada, outras contratualidades e racionalidades se constituem” (Arantes *apud* Fortuna, 1997, p. 261).

Compreender a população adulta de rua em Goiânia requer o reconhecimento de alguns aspectos relevantes de seu perfil.

1.2 - Costurando informações e construindo um perfil da população adulta de rua de Goiânia

Os dados para essa parte da análise são frutos do I Fórum de Política de Assistência Social à População Adulta de Rua, ocorrido em Goiânia em 20 de outubro de 1999, promovido pela Câmara Municipal, conforme relatório final em anexo E.

O resultado final contido em relatório, apresentado durante o I Fórum de Políticas de Assistência Social à População Adulta de Rua de Goiânia, quanto aos aspectos do perfil dessa população⁹, não nos surpreendeu ao ficar constatado o uso abusivo de bebidas alcoólicas entre a população adulta de rua. A situação já havia sido verificada anteriormente entre os pacientes que compõem essa demanda de indivíduos recebidos no HUGO, fato já constatado em nosso trabalho apresentado no IX Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais "... o alcoolismo predominou nos pacientes analisados, sendo 82,35% e os dependentes de outros tipos de drogas 17,64%" (Baiocchi, 1998, p. 156).

Quanto ao resultado da pesquisa realizada pela FUMDEC, chegou-se à seguinte conclusão:

"Com relação ao uso de substâncias tóxicas, 74,51% declaram ingerir bebidas alcoólicas. Um dado preocupante deve ser evidenciado: essas pessoas são em sua maioria usuários de metanol (álcool etílico, volátil, venenoso e inflamável) e 25,49% não fazem uso de bebida alcoólica" (FUMDEC, 1999, p. 24).

Quanto aos entrevistados para o presente trabalho, embora não tivéssemos elaborado pergunta direta sobre a utilização de substâncias tóxicas, álcool ou outras drogas, o álcool marca forte presença entre eles, reafirmando as constatações anteriores. Provavelmente para aqueles que estiverem a pouco tempo entre essa população, se não fazem ainda o uso de álcool, para que iniciem a prática, é só questão de tempo. O álcool e outras drogas são utilizados por eles, no início, como mecanismo anestesiante da realidade, como fica demonstrado em seus discursos, ao serem questionados sobre o que acham sobre a vida que levam:

⁹ Após sucessivas reuniões entre os membros participantes da comissão técnica organizadora do I Fórum de Políticas de Assistência Social a População Adulta de Rua de Goiânia, entre suas deliberações, ficou decidido que a FUMDEC se responsabilizaria pelo primeiro levantamento de dados sob os aspectos do perfil dos adultos de Goiânia. Esse levantamento e seu resultado foram apresentados oficialmente no dia 20 de outubro de 1999, durante a realização do I Fórum no Auditório Jaime Câmara na Câmara Municipal de Goiânia.

“Não presta não. Um lixo humano. Tudo que tenho não vale nada [mostra seus documentos]. A sociedade me discrimina. Me negam a competência, sou uma cobaia humana. Não uso droga pesada. De vez em quando tomo uma cerveja para suportar a vida. Fui preso mais de uma vez. Uma vez, a polícia me bateu tanto que tive um corte na cabeça. Me chutaram na barriga e logo depois tive que fazer cirurgia de apêndice” (A C S).

“No meu ponto de vista todo homem que chega a cair na rua é dependente da fraqueza mental, dos vícios, do álcool. O dependente químico não quer fazer a família sofrer e sai. Isso existe com os pobres e ricos, que eu já vi quem largou tudo pela droga. Se humilha por migalhas. Como eu que tenho o 2º grau, computação. Perdi emprego, família, amigo. Só não perdi Deus. Ele não abandona a gente” (T A C).

Essas pessoas estão expostas a toda sorte de violências, como disse Zaluar (1994): “a violência simbólica e a violência concreta”. São conhecidos como mendigos, caídos, fracassados, bêbados, malas, vagabundos. Estão à mercê das doenças, das agressões físicas, do alcoolismo e outras dependências químicas. Aos poucos incorporam o papel que lhes é imposto no mundo das ruas. Em sua grande maioria, os adultos de rua são homens. As mulheres de rua formam um número restrito, conforme verificado na pesquisa da FUMDEC, 1999.

“Quanto ao sexo, os homens se constituem na grande maioria da população pesquisada, ou seja, 90,2%, sendo que 9,8% são do sexo feminino. A existência de um número pequeno de mulheres na rua deve-se ao fato de as mesmas possuírem mais alternativas, de se abrigarem em casa ou até mesmo residirem em seu local de trabalho” (FUMDEC,1999, p. 7).

Durante nossa pesquisa de campo não foi encontrada nenhuma pessoa do sexo feminino, tendo em vista não estarem presentes no campo nos momentos das entrevistas. Vale observar que essa informação é análoga à pesquisa realizada no HUGO.

Quando indagados, os próprios adultos de rua, durante nossa pesquisa de campo, muitos deles não souberam avaliar, por que existem poucos adultos de rua

do sexo feminino. Divergindo nas explicações, trazem na fala um discurso por vezes carregado de machismo:

“Mulher é mais fácil de arrumar emprego, marido. Eu quero ver é uma mulher tirar um homem da rua. Eu vivo só, não gosto de ficar em grupo. Durmo longe desses bandidos da rua” (E A J).

“Já fui quase casado. Mas a mulher pode conseguir outra pessoa mais na frente. O homem sai para a vida, fuma, bebe, a mulher cuida dos filhos” (J R).

“Porque ela não se garante. O homem é homem. Eu vejo mulher aí, mas é prostituta”. (M P C).

“Já vi homem bater em mulher, mas também ela procurou” (A O E).

Outros acreditam que o fato de existir um número menor de mulheres nas ruas acontece graças a elas próprias e sua sensibilidade e força feminina.

“Em certas afirmações a mulher tem mais firmeza, é mais sensível, o homem é prepotente, arrogante, a mulher é mais maleável, é mais forte e o homem mais fraco” (JTG).

Esse mesmo contingente de pessoas, em outras condições de vida, estaria em sua fase de plenitude para a vida. No caso da pesquisa realizada pela FUMDEC, a idade da população adulta de rua é descrita assim:

“Do total pesquisado, 15,69% têm até 20 anos de idade; 20,45% possuem entre 20 e 30 anos; 27,45% têm até 40 anos; 21,57% têm até 50 anos e 7,84% apresentam idade superior a 50 anos. Os dados acima nos mostram que 54,90% têm entre 20 e 40 anos, são jovens e se encontram em plena idade produtiva” (FUMDEC,1999, p, 8).

Aspecto similar ocorreu na pesquisa realizada no HUGO¹⁰, sendo que a faixa etária da maioria revela que a população encontra-se na plenitude de sua maturidade física, perfazendo um percentual de 57,57% entre as pessoas de 20 a 50 anos.

¹⁰ Conforme nota de Rodapé, numero 4.

Observa-se o fato de que o contingente de pessoas negras e pardas de rua é maior que o de brancos. Evidencia-se que a miséria encontrada nas ruas de Goiânia está, em sua maioria, presente entre os negros e os pardos. Dos pesquisados pela FUMDEC, “25,49% são pardos, 33,33% são brancos, 39,22% são negros e 1,96% são indígenas” (FUMDEC,1999, p. 9).

No Brasil a cor e/ou o fenótipo é um elemento que representa entraves à participação social e igualitária. Há uma separação entre as classes econômicas reforçada quando se trata do negro, o que podemos verificar em Baiocchi (1983).

“Os estereótipos que acompanham o negro desde a escravidão sofreram um processo de reelaboração e adaptação às condições diferenciadas em que vivem hoje, porém semelhantes em sua essência. Ele [o negro] não está na senzala, mas em sua maioria é a peça produtora de bens sociais, e deles pouco usufruem. Mas ‘ao negro’ não adianta dar oportunidades de subir: ‘um dia, mostra que é negro’; ‘quando não suja na entrada, suja na saída’; ‘trabalho mal feito é trabalho de negro’; - daí como o negro não é lá ‘muito capaz para nada, as oportunidades para sua ascensão seriam um desperdício’. ‘Bondosamente’, ele [o negro] é ‘tolerado’, ‘apesar dos defeitos que lhe são próprios” (Baiocchi, 1983, p. 61).

Mesmo a escravidão tendo sido abolida a ideologia racista persiste " e faz parte ainda hoje na cultura da sociedade brasileira, onde os mecanismos de dominação vestiram nova roupagem, mas não resolvendo os antagonismos iniciais de um sistema [colonial]" (Baiocchi, 1983, p. 66). Segundo Baiocchi (1983), a discriminação marginaliza o negro em dois níveis, no ideológico, que são os preconceitos, estereótipos, manipuladores da consciência e no nível econômico, na manutenção da divisão de classe, da necessidade de mão-de-obra barata, articulada com as relações de trabalho. Salienta-se ainda ao reportar a questão de classe e a raça negra.:

“Marvin Harris pensa que a classificação racial brasileira baseada na cor ou na marca é ambígua, na medida em que expressa pouco a importância da identidade racial em contraste com a importância assumida pela classe. Daí a idéia comum entre os estudiosos norte-americanos de que o brasileiro pode mudar de raça, ou melhor, de identificação racial,

no decorrer de sua vida. Esta interpretação se aproxima dos ditados populares ‘o dinheiro branqueia’ e ‘o preto rico é branco’ ou ‘branco pobre é preto’, por isso, Oracy Nogueira pede cuidado na interpretação desses ditos que são sempre empregados com certa ironia e cujo sentido mais exato seria: ‘o dinheiro compra tudo, até o status para o negro’, o que, segundo ele, está longe de ser uma negação do preconceito ou da discriminação” (Munanga, 1999, p. 88-9).

Os resultados quanto ao grau de instrução demonstram que nem todos os entrevistados de nossa pesquisa são analfabetos. Tivemos a oportunidade de encontrar pessoas que inclusive já passaram por universidade e que se acham agora em condições miseráveis, literalmente morando nas ruas. Essas eram levadas até ao Hospital de Urgências por alguma razão de abalo à sua saúde física ou mental. Fato muito comum no cotidiano da população adulta de rua :

“A família arrumou um jeito de me deixar desempregado [referindo-se a um irmão]. Eu quebrei a perna, pus uns “ferros”. Eu tava trabalhando, sou serralheiro. Faço qualquer coisa. Tava bêbado. Fui para boite, e fui atropelado. Fui para o HUGO, depois fui operado. Meu pai era instrutor da guarda civil” (N F V).

A população adulta de rua, em algumas ruas e logradouros, em frenéticas buscas de garantir por “seu ponto”¹¹, simbolicamente demarcará seu território, local que, para alguns servirá para vigiar e lavar automóveis. Outros têm seus pontos para pedir esmola e se entregam à mendicância. Valem-se até da força física para defender seu local de sobrevivência, ocorre o que afirma Arantes (*apud* Fortuna, 1997):

“Nesse contexto formam-se os desafios silenciosos aos projetos urbanísticos e de segurança que se querem disciplinadores do seu uso e a intenção glamourizante da tímida valorização (simbólica, estética e imobiliária) de algumas áreas e edificações” (Arantes *apud* Fortuna, 1997, p. 266).

¹¹ Ponto: espaço territorial urbano simbolicamente traçado pela população adulta de rua para trabalhar e/ou dormir.

No caso de nossos entrevistados, há um posto de gasolina em Goiânia, conhecido como Postão de Aparecida, que é um local estratégico para vê-los trabalhando com descarregamento de caminhões. Muitos dormem por lá mesmo. Ao serem questionados como conseguem viver, alegam que trabalham:

“Trabalhando para sobreviver. Agora tô parado. Mas sempre tem trabalho. É bico. Descarregar caminhão, trabalho 2 ou 3 dias” (R A F).

“Tem dia que eu trabalho e ganho até R\$ 200,00, e quando eu estou a fim, vou para um hotel, tomo banho, durmo. Mas quando acaba tudo, vou para a rua. Não gosto é de passar fome. Como bem. Também ajudo as pessoas na rua dando dinheiro para eles comer” (A C F).

“Trabalho com montar caixa de som na avenida Goiás e na feira Hippie, na praça do trabalhador” (S C S).

Ressalta-se outro aspecto em Goiânia de mendicância de forma organizada e como negócio lucrativo. É desenvolvida por homens ou mulheres, às vezes acompanhados por crianças, outros portando fotografias de crianças doentes ou atestados de pobreza rústicamente apresentados envoltos em sacos plásticos. Estas, em geral, são pessoas que têm casa e/ou família em Goiânia ou em municípios circunvizinhos e que fazem do ato da esmola um meio de ganhar a vida. Suas figuras toscas confundem-se com as figuras da população adulta de rua analisadas nesse trabalho.

Antes de morar nas ruas, ou seja, antes de descer o último degrau que os distinguirá entre ser um cidadão ou um adulto de rua, destituído do exercício da cidadania, muitos desenvolviam regularmente atividades laborais, outros utilizavam como recurso de sua sobrevivência qualquer trabalho que não exigisse qualificação. Fator verificado em pesquisa da FUMDEC:

“No período que antecede a vivência nas ruas, os pesquisados exerciam as seguintes profissões: domésticas, 5,88%; autônomos (vigias de carro, catador de papel,

jardineiro, servente, chapa, sapateiro, lavrador, carpinteiro, mestre de obras, técnico em eletrônica e pintores) - representam 68,63%; assalariados contratados (prensistas, cobradores de transporte coletivo, tratadores de cavalo, motoristas profissionais, professores, funcionário público, garçom, office-boy, vidraceiro e vendedores de loja) representam 23,53% e 1,96% declaram apenas que cuidavam de suas próprias casas (do lar). É relevante o índice de pessoas que não possuíam um emprego regular, sendo que a maioria realizava os conhecidos “bicos” como alternativas para sobrevivência. Tal situação pode ser considerada como reflexo da atual conjuntura econômica, mas também da própria falta de qualificação e do baixo nível de escolaridade dessas pessoas” (FUMDEC, 1999, p. 14).

Entre a população adulta de rua durante a pesquisa de campo, percebe-se que há os que se autodenominam artesãos. Não se sentem mendigos, saem pelas ruas, andam por diversos Estados brasileiros, vendendo o que fabricam:

“Vendendo meu trabalho. Artesanato é o que faço, colar, brinco, tornozeleira. Eu uso alumínio de cabo de fio de alta tensão e fio de telefone de cobre. Desde criança eu já fazia trabalhos simples de artesanato. Fui crescendo e deu vontade de sair por aí pra conhecer o País. Mas a gente conhece muita coisa ruim. No começo a gente não percebe, depois é que vai se ligar. (R S B)”.

“Comecei a andar por artesanato. Às vezes alugo quarto, durmo em hotel. Atualmente estou na rua” (R C V) .

Esses artesãos que perambulam pelas ruas em Goiânia destacam-se dos demais adultos de rua pelo estilo de roupas que usam, seus colares, pulseiras, quase sempre com alguma tatuagem feita com técnicas rudimentares ou amadoras em alguma parte do corpo. Entre eles há os conhecidos em Goiânia como “hippies”. Cabelos e barbas quase sempre longos, carregam grandes mochilas sobre as costas, acompanhados por um(a) companheira e até de filhos. São facilmente identificados na Avenida Goiás, no centro de Goiânia. Em geral essas pessoas quase sempre estão prontas para viajar e conhecer outras cidades.

1.3 - De migrante a População Adulta de Rua

Muitas vezes a definição da população adulta de rua se confunde com a do migrante, do trecheiro, do itinerante ou, até mesmo, como jocosamente são chamados, com a de turistas. Existe uma linha divisória quase imperceptível entre essas categorias sociais. Segundo D’Incao (1992) :

“Acredito que para evitar essa abordagem que considera os migrantes ‘naturalmente’ errantes, é preciso entender o que diferencia um homem de rua de um ‘migrante’. Algo muito tênue, mas decisivo. Eu diria que é a capacidade de sonhar” (D’Incao In CEAS, 1992, p. 30).

O indivíduo migrante que veio em busca de realização de seus sonhos, que está em situação de rua hoje em Goiânia, traça um longo caminho até atingir de fato, o papel social de um adulto de rua. Antes de assumir o papel e alcançar esta faceta, é uma pessoa simples e comum, vindo do campo ou mesmo de outra cidade ou poderá pertencer à própria cidade, a exemplo de E.A.J., ao ser indagado sobre o que ele próprio pensa a respeito da forma em que vive:

“Ruim. Não tô satisfeito. Não quero mais, quero trabalho. Olha a minha roupa, eu ganhei. As coisas que tenho, ganhei. Me fechei para o mundo. Agora eu acho que na mesma cidade que eu nasci, pareço um estrangeiro. Fiz só até a 2ª série. É difícil conseguir alguma coisa” (E A J).

O sonho é o elemento que nutre a alma do indivíduo, impulsionando-o a continuar a busca de uma vida melhor. Enquanto migrante continuará sua busca, o indivíduo de rua já não tem com o que sonhar. O que pode ser percebido nesta pesquisa, na fala do adulto de rua que um dia veio em busca de um sonho:

“Foi assim, cheguei de viagem, não tinha onde ficar, roubaram minhas roupas, documentos, aí dormi na rua. Não adianta voltar para o Ceará por que vim de mãos vazias e não volto de mãos vazias. Então é melhor ficar aqui. Tentar eu tento, mas ir do mesmo jeito... chego lá não tenho dinheiro para dar para minha mãe, prefiro ficar aqui, longe, para não preocupar” (RV B).

O indivíduo sente-se fracassado e envergonhado por não ter nada a oferecer. Enquanto gostaria de retornar vitorioso, não encontra força moral para a luta.

Entre a população adulta de rua e os migrantes há os conhecidos pelas características de trecheiros, que, entre eles significa “estar no trecho”, andando sempre para onde o destino mandar. São impulsionados a andar, compulsivamente, sem destino claro e preciso :

“Eu morava num quartinho e fiquei desempregado. Fiquei conhecendo outros trecheiros e comecei a viajar. Conheço seis Estados, mais o Distrito Federal. É diferente o morador de rua com o trecheiro. Trecheiro não fica na cidade. Viaja à pé, de carona. Ganha dinheiro das Assistentes Sociais, de empresário” (T A C).

“Tá ruim. Mas eu vou levando, praticamente já acostumei a viver sozinho. Mesmo quando eu morava em casa não participava das festas. Já viajei muito. Redenção do Pará. Conceição do Araguaia, Barra do Garça, Cocalinho. Ia trabalhar” (N F V).

“Eu queria conhecer o Brasil e estou aí conhecendo aos poucos. Tipo assim, já teve dias piores. Eu gosto e não gosto de viver assim, depende do momento. Tem alguns momentos de baixo astral” (R S B).

A questão da migração não é objeto desse trabalho. Abordamos o assunto aqui, para fazer a distinção com o termo população adulta de rua. O adulto de rua pode, e com muita frequência, principalmente de Goiânia, ter características de migrante para este trabalho: sofre os efeitos catastróficos provocados pelo tempo do distanciamento dos seus vínculos naturais, de suas raízes, de sua identidade e de sua cidadania e suas origens se diluem na metrópole.

O indivíduo, quando está em seu próprio meio de origem, é reconhecido e respeitado por suas raízes. O migrante, cuja mão-de-obra é desqualificada, ao entrar em contato com a realidade hostil do mercado de trabalho na nova cidade, encontrará uma torre de babel: não é mais respeitado; não serão reconhecidas e nem terão valor as suas raízes. As origens se diluem nas metrópoles. Essa posição

tornará para ele mais difícil a afirmação de sua cidadania. Ele precisará realizar pequenos serviços para continuar sobrevivendo. Com sua decadência moral, sem possibilidades de viver com decência, passará à condição de estar na rua, a um passo da condição de ser adulto de rua:

“Imprevisibilidade e fragmentação, acentuação das diferenças e noção do perigo, exploração cotidiana e experimentação nos materiais - todos estes elementos, que a sociologia moderna define como constitutivos da experiência urbana parecem encontrar-se nela e, por assim dizer, o denominador comum das formas de expressão estética que representam a condição da cidade pós-moderna ou estão mesmo associadas a ela no imaginário coletivo” (Mela, 1999, p. 155).

Embora a atual característica da população adulta de rua, no alvorecer do século XXI, especificamente em Goiânia, apresente um perfil de população de migrantes, principalmente do nordeste e do norte do país, considerando os que aqui chegam e os que aqui se instalam, esse perfil provavelmente surgirá em breve em novo estilo, com espírito de goianidade à qual terá direito, tendo em vista a ascensão do mercado de trabalho restrito:

“A realidade evolui mais rapidamente que a nossa capacidade de sistematizar a sua compreensão, assim, somos obrigados às vezes, a olhá-la como olhamos um quadro impressionista: com uma certa distância, conscientes de que a imagem que vemos se baseia em pontos de impressão, e de que existem mais pontos do que os que somos capazes de observar” (Dowbor, 1998, p. 9).

A população adulta de rua em Goiânia, hoje, cresce independente das ações governamentais para reprimir-lhe a demanda. Pode-se observar que o tempo passa e a realidade social tem mudado pouco ou quase nada. Hoje estão nas ruas, os(as) meninos(as) filhos(as) dos(as) meninos (as) de rua de ontem, porém já adultos. Aspecto que já começa a ser observado pela mídia local:

“Em 2000, quando a população de Goiânia era de pouco mais de 1 milhão de habitantes, foram contados 85 meninos e meninas de rua. Em 2001 quando a população geral passava de 1,1 milhão, eram 102 crianças e adolescentes nessa situação. A

coordenação da Sociedade Cidadão 2000 alerta que o número de moradores das cidades do entorno da capital, principalmente de Aparecida de Goiânia e Senador Canedo, crescem em proporção superior ao das demais cidades. Hoje, do total de meninos e meninas que vivem nas ruas, 47% vieram do entorno. Dos moradores de Goiânia, 30% são da região Noroeste, a mais pobre da capital. Mais de 10% da população jovem de rua é de crianças: 18 dos 140 têm idade até 12 anos. A faixa etária com maior concentração é entre 15 e 18 anos. São 77 adolescentes. Outros 45 têm entre 12 e 15 anos” (*O Popular*, março/ 2002).

É o novo fenômeno das ruas, que se expande aos olhos como que incrementando o vislumbrar de uma nova realidade na capital goiana. Esse fenômeno é semelhante à realidade demonstrada em pesquisas realizadas com os centros urbanos do Rio de Janeiro e de São Paulo, hoje abrigando em suas ruas, adultos nascidos e criados nas próprias ruas de suas capitais. Contrariando o senso comum, que afirma ser a grande maioria dessas pessoas adultas de rua, naqueles Estados, composta por pessoas oriundas das regiões Norte e Nordeste do país.

1.4 - Trabalhador escravo e sua relação com a População Adulta de Rua

O migrante vindo dos pequenos centros urbanos ou do meio rural e que busca melhor condição de vida e de trabalho, longe de sua realidade originária, vê-se falido em sua busca de sucesso, sua mão-de-obra desqualificada concorre com o excedente de mão-de-obra já qualificada da cidade grande. Desta feita, submete-se por vezes ao trabalho escravo ou semi-escravo, outro aspecto a ser observado nesta pesquisa. Esse “novo” velho mercado, remonta aos neo-mercenários, à exploração do homem rural ou de origem camponesa expulso do campo.

O “gato” (gerente, capataz, encarregado), muitas vezes, alicia o trabalhador em seu próprio meio rural, com promessas que jamais serão cumpridas. Serão conduzidos a empreitadas até a outros municípios, às vezes até a outros Estados,

para o trabalho em canaviais, carvoarias ou construção civil. Como única alternativa de sobrevivência, o trabalhador embarca em caminhões, caminhonetes, ônibus abarrotados de pessoas. Cada quilômetro percorrido demarcará o abismo que se fará para o seu retorno.

Em notícias veiculadas recentemente em periódico local, Jornal O Popular e TV Anhanguera, do Estado de Goiás (2001), a polícia civil desmontou esquemas em fazendas que mantinham homens em regime de escravidão. Trabalhavam para ganhar um prato de comida de péssima qualidade e higiene. Como gratificação, eram distribuídos no final do expediente, garrações de aguardente, mantendo-os dependentes do álcool e tornando mais fácil sua exploração.

Essas situações descrevem apenas parte dos infortúnios aos quais estará sujeito o indivíduo distanciado de suas raízes. Ele submete-se a esse tipo de escravidão, travestida de trabalho:

“Entre 1970 e 1990 foram encontrados escravos em 248 fazendas do País, 76,4% das quais na região amazônica a 19,5% nas regiões sudoeste e sul. Em 121 casos foi possível obter o número de trabalhadores cativos: 30.811, o que permite estimar em 63.040 o total conhecido de trabalhadores em cativeiro, no Brasil, nessas duas décadas.” (Martins apud Oliveira, 1999, p. 24).

O índice e a variedade de doenças verificadas entre os trabalhadores escravos são altíssimos. Muitos morrem com pouco tempo de trabalho. Outros, que se desvencilham do cativeiro, fogem para as grandes cidades, voltando à condição de desempregado distanciado de suas raízes e agrega-se à demanda de trabalhadores desqualificados, ocorrendo contingencialmente o processo de passagem da condição de rua à de adulto de rua.

Por vários momentos pode-se constatar a presença de ex-trabalhadores escravos rurais no HUGO. Eram para lá conduzidos após acidentes em rodovias estaduais, ou após crises convulsivas pelo abuso do álcool, ou desnutrição. É o

caso, por exemplo, de R.G.F. de 34 anos. Ele foi reencontrado por ocasião de seu atendimento no HUGO, em 1997, após 15 anos reconhecido como morto por seus familiares. R.G.F. é um exemplo de trabalhador de carvoaria, alcoolista, atropelado em uma rodovia, no município em que trabalhava como carvoeiro. (Jornal *O Popular*, outubro/1997). A íntegra da notícia jornalística pode ser conferida no Anexo F.

Outro exemplo é o de A. F.S., 46 anos, também atropelado em rodovia, alcoolizado e forneiro de profissão. Também sem nenhum contato com a família e encaminhado ao HUGO (*O Popular* novembro /1999). Esses exemplos servem para demonstrar que essas pessoas, se tivessem sobrevivido, hoje provavelmente fariam parte da População Adulta de Rua.

Para o trabalhador escravo resta a morte em vida que é o sujeitar-se ao trabalho escravo ou fugir - ao cerco dos neomercenários - em direção às cidades grandes, mesmo sem qualificação profissional, sem referência familiar e sem dinheiro. Quase sempre chegam a um grande centro urbano deficitário em suas políticas de assistência social, suscitando o surgir de mais um miserável com a identidade invisível a integrar o mundo das ruas.

1.5 - Desaparecido Civil e sua relação com a População Adulta de Rua

Foram várias oportunidades para localizar os familiares de alguns adultos de rua, migrantes e/ou trabalhadores escravos internados no HUGO. Momentos de reencontros que impressionam. O tempo e o espaço que os separam, são marcados de sofrimento, mas os laços familiares, afetivos não se desfazem. Fatos semelhantes ocorrem no Hospital das Clínicas de Goiânia e na Santa Casa de

Misericórdia, segundo relatos anteriores à essa pesquisa, de Assistentes Sociais que, naqueles hospitais, embora em menor escala, lidam com a mesma questão.

Ressalta-se o caso do jovem Ludovino, surdo-mudo, que fugiu de casa aos dez anos de idade e passou quatorze anos perambulando pelas ruas de Goiânia, querendo mas não sabendo como voltar. Ver a reportagem na íntegra em Anexo G. Para muitos casos, observando que cada história é única, embora similar, considera-se que o indivíduo que sai de seu convívio sócio-familiar, sem mais fazer contatos, passa a ser um desaparecido civil¹² para sua família:

“O termo migrante apresenta como significado o ato de sair de um espaço para outro, nesse sentido é sinônimo de foragido. Embora distante, do ponto de vista etimológico, do conceito de desaparecido, aproxima-se dele quando passamos à reflexão dos processos de desestruturação familiar, do desemprego e da falta de assistência institucional presentes no Brasil. Essas condições levam muitos cidadãos à migração, com conseqüente perda, muitas vezes, de laços pessoais” (Oliveira, 1999, p. 23).

Um exemplo pode ser o caso de muitos adultos de rua que perderam completamente o laço com seus familiares. “Embora sejam migrantes, os mesmos podem ter sido notificados como desaparecidos em seus lugares de origem” (Oliveira, 1999, p. 23).

Observamos um paradoxo assustador apresentado pelo secretário executivo, do Ministério Nacional de Desenvolvimento Humano - MNDH - Romeu Olmar Klich, durante audiência pública promovida pela Comunidade de Direitos Humanos da Campanha dos Desaparecidos, em parceria com o MNDH, em Brasília, 20.08.1999, na Câmara Federal. Ver mais informações em Anexo H.

Segundo o referido secretário, dos 5.716 distritos policiais existentes no país, apenas três são especializados em localizar pessoas desaparecidas. Essa

¹² Desaparecido Civil – é um termo utilizado para se registrar civis que desapareceram de sua convivência familiar por variadas causas.

deficiência, entretanto, não existe quando se trata de investigar o desaparecimento de bens patrimoniais. Todos os Estados brasileiros dispõem de delegacias equipadas de policiais capacitados para atuar no caso de roubos de veículos.

Observa-se que, muitas vezes, o adulto de rua em nosso município é tido pelas instituições públicas e sociedade como andarilho, trecheiro, mendigo; em outro Estado ou Município, no entanto, poderá ser um Desaparecido Civil. Esse indivíduo pode ter uma família que espera por um dia, em que possa reencontrá-lo e com a possibilidade de que, em alguma delegacia de polícia do país, possa constar o registro de seu desaparecimento. Outro aspecto que faz a relação entre desaparecido civil e a população adulta de rua é a questão de sexo:

“Os desaparecidos são sobretudo homens, pois esses constituem a maior parte da força de trabalho no Brasil. Diante da predominância da esfera econômica sobre as outras esferas da vida social, é possível que uma crise econômica seja especialmente motivadora de desaparecimentos. Isso porque motivados por dívidas, em busca de emprego e com baixa auto-estima, homens desempregados poderiam romper com seu espaço e desaparecer. Como sub-hipóteses, consideramos que o gênero masculino, segundo os índices de violência, é mais suscetível de ser vítima de homicídios. Como forma de violência acreditamos que os desaparecimentos reproduzam esses dados. (...) A idade adulta traz motivações para o desaparecimento, com a incapacidade de se sustentar e conseguir emprego; levando a migrações; desestruturação familiar e à violência doméstica” (Oliveira, 1999, p. 42).

Como diz Oliveira (1999), quanto menor a condição econômica vigente no local de origem, mais esta insidirá quanto à decisão do sujeito em sair para o mundo, em busca do sonho. Aqui essa realidade é exteriorizada por eles próprios:

“Desemprego, sai mais prá rua os nordestinos que têm menos condição de vida. Quanto mais pobre, mais se aventura. Você não vê gaúcho, paulista na rua. No sul eles têm preconceito e mandam os pobres irem embora. Eles dão até passagem. Alguns conhecidos aqui da rua já me falaram isso, que lá eles não aceitam pobre não” (N F V).

Vale lembrar outros fatos intrigantes, que é o número de pessoas consideradas indigentes (paupérrimo, pobríssimo, inopsioso) que vêm a óbito, morrem em hospitais públicos como pacientes não identificados e encaminhados ao IML - Instituto Médico Legal - e lá continuarão até o desfecho final, sem que suas famílias sejam jamais localizadas e ou comunicadas. Seus corpos sem dono, provavelmente, contribuirão aos estudos técnico-científicos de jovens estudantes e seus mestres pesquisadores das grandes universidades em Goiânia. Ver reportagem em anexo I.

O termo indigente¹³ é utilizado sobretudo pelo Estado, designando pessoa sem possibilidade de identificação, viva ou morta. Essa identificação provavelmente poderia elucidar vários casos insolúveis, de denúncias de pessoas desaparecidas e propiciando o reencontro com seus familiares bem como a possibilidade de retorno às suas origens.

No HUGO, em várias oportunidades presenciamos o reencontro de familiares com pacientes por nós e pela sociedade concebidos como adultos de rua. Para suas famílias, esses eram considerados desaparecidos, tendo saído de seus locais de origem em busca de melhores condições de vida, por alguma desilusão amorosa, pela dependência do álcool, perda ou separação dos pais, ou outro abalo qualquer à estrutura familiar .

Como permanecer na rua, passar por momentos de humilhação, dor e privações e continuar a ser gente? O que manterá o adulto de rua ligado à condição de ser humano? Por trás de sua invisibilidade, jaz a identidade de criatura humana, outrora criada em seu contexto cultural de construção de mundo (Berger, 1985). Nesse contexto de miséria, chamado mundo das ruas, ainda resta espaço para sua

¹³ Juridicamente o conceito de indigente: indica o indivíduo pobre e necessitado que não possui condições para manter sua subsistência. (Oliveira, 1999 p. 23).

crença e fé. Falar sobre Deus e/ou em sua crença Nele, irá fazer com que ele se emocione, realimentando sua mola propulsora para continuar vivo:

“Deus é quem criou as coisas. É o único motivo para continuar tentando conseguir algo na vida. Só Deus mesmo” (F A V).

“Para mim é o único que pode resolver tudo na minha vida. Única pessoa que posso acreditar que está me protegendo”(G C V).

“Deus existe e tenho fé nele. Se não fosse ele, nós não existiríamos. Tenho força, saúde, através dele. Vivo uma vida feliz na rua, peço a Deus e para depois de amanhã vem a resposta” (E R J).

“Para mim Deus já foi pessoa, eu sem ele não vivo, ele me dá saúde. Ele tá no meu coração, é um espírito maravilhoso. Sempre pronto a ajudar as pessoas. Na hora que preciso, chamo e Ele vem. Ele é tudo” (R V B V).

Para o ser humano, o forjar do seu eu ocorrerá com o decorrer do cotidiano da vida, entre sua multiplicidade de experiências vividas. A dialética de cada momento (Berger,1985) estará presente durante o processo de socialização. Deus permanecerá incorporado culturalmente na construção humana da identidade primária dessas pessoas que partem para a vida de miséria nas ruas. Deus faz-se presença viva entre elas.

O sujeito, seja qual for a razão que o fez ir para as ruas, mesmo que maltrapilho, mal cheiroso, levará consigo a marca de sua identidade. Ele passará a desempenhar uma vida, desempenhando o papel a ele atribuído socialmente: migrante, desaparecido civil, indigente, trecheiro, andarilho, bêbado ou adulto de rua.

CAPÍTULO 2

CONCEPÇÃO DE DEUS E IDENTIDADE DA POPULAÇÃO ADULTA DE RUA

2 - Identidade

A questão da identidade, no presente trabalho, tem conotação precípua para a elaboração e compreensão da população adulta de rua, parte central da pesquisa.

“Identidade é movimento, é desenvolvimento do concreto. Identidade é metamorfose. É sermos o Um e um Outro, para que cheguemos a ser Um, numa infundável transformação” (Ciampa, 1997, p. 73)

Em relação aos sujeitos que se encontram vivendo, economicamente, socialmente, na “zona mais próxima” (Berger e Luckmann, 1985) à miséria da vida nas ruas, pode-se dizer que, embora se sintam, conforme seu próprio discurso, “humilhados” ou mesmo “vermes na sociedade”, é bastante questionável e discutível a referência com que esses sujeitos querem se identificar. Em suas respostas, presencia-se a relutância interna em manter vivos qualidades e atributos, de seu universo de representação simbólica original que preservam, ainda que com muita dificuldade, nas “zonas mais distantes” (Berger e Luckmann, 1985) de sua identidade originária. Nesse momento, retomamos a família e verificamos qual o papel por ela representado na formação de identidade cultural do sujeito:

:“Assim como a família genérica muda e se adapta a circunstâncias históricas, características sociais, econômicas, e injunções de poder, também a família de cada um está sujeita a todas as pressões do sujeito que inserem além das pressões internas relativas ao desenvolvimento dos que a constituem. A mudança de cada membro implica mudanças do sistema total” (Macedo, 1994, p. 66).

A questão familiar está quase sempre presente nos discursos dos adultos de rua, suas falas orientam a compreensão das relações familiares em suas histórias de vida:

“Eu sou um analfabeto. Fomos criados na roça. Saí para a vida com 12 anos para trabalhar e voltei aos 23. Meu pai era bravo, enjeitei muita vaga na escola. Minhas mãos são calejadas. Vou para o setor sul pedir” (E R J).

“Sou um rapaz carente de afeto. Estou deixado. Às vezes eu fico um pouco agressivo. Mas ao mesmo tempo sou muito amoroso. Se alguém me der um objeto, eu guardo para sempre. Um dia minha irmã me deu uma maçã de gesso. Eu estava com 15 anos. E guardo até hoje” (N FV).

Pereira (1989) diz que o pensamento moderno nega a possibilidade de um conceito definitivo, o que reduziria a identidade a uma convencionalidade. O autor ressalta, portanto, a necessidade de definição em sua apreciação e critério. Pereira (1989) analisa que o conceito antropológico não enquadra apenas o fato psíquico, constitui-se também na construção do terreno simbólico e sua razão de ser. Esse terreno simbólico revela as dimensões do ser: pessoal e social.

A população adulta de rua constrói e vive sua “zona mais próxima” (Berger e Luckman, 1985) no cotidiano nas ruas, o que revela a sua identidade na dimensão pessoal ou individual:

“Sou uma pessoa boa, humilde, honesta. Não sou estuprador. Não sou agressivo, não sou psicopata. Tenho o atestado de louco, mas sou um louco passivo, sou ‘humano’¹⁴” (A C S).

¹⁴ Esse entrevistado mostrou, após muito choro, a carteira de portadora de doença mental.

A identidade faz parte das categorias fundamentais da Psicologia Social e a análise de que "a identidade de uma pessoa é um fenômeno social e não natural é aceitável pela grande maioria dos cientistas sociais" (Ciampa, 1994, p. 65). Ao considerar uma pessoa adulta que está vivendo no mundo das ruas, considera-se a probabilidade de que, antes de estar nas ruas, ela fez parte de um núcleo familiar no qual ocorreu o forjar de sua identidade de raiz e essa identidade o acompanhará sempre, mesmo que a essa venham se agregar novos valores, novas informações concebidas nas ruas:

“Sou uma pessoa que tem defeitos. Estou esforçando para melhorar. Sou um cara meio mole. Bebo de vez em quando. Brigo só de boca. Não sou de ir para agressão” (G C V).

“Eu sou uma pessoa sem valor algum. De repente sou até valioso. Não sou dependente de ninguém, sobrevivo por mim mesmo. Não sou falso. Tenho o coração aberto e gosto de ajudar as pessoas. Gosto mais de servir do que ser servido. Esse é o meu eu. Ajudo as pessoas. Venho aqui de sem vergonha que sou. Posso ir para um hotel” (A C F).

“Sou trabalhador. Não fumo, não bebo, fumo cigarro normal. Às vezes até eu tenho dó das pessoas da rua, do tanto que se drogam. Me considero uma pessoa normal. Não peço dinheiro, não tenho essa coragem. Também não roubo nada de ninguém. Se eu não puder ajudar, também não desajudo” (A B)

Para o indivíduo que vive nas ruas, valerá a pena fazer uma breve analogia com o pensamento de Ciampa (1994), entre “eu sou filho” e “estou sendo filho” com a identidade do adulto de rua. Analisamos: ele diz, neste instante “estou sendo” um sujeito de rua, “mas não sou” da rua. Ele está sendo um filho da rua, embora pertença a algum lugar, onde provavelmente alguém se lembra dele, de sua identidade, de seu nome, que nasceu de determinada mãe, que pertence a uma família . Lá aprendeu os valores da vida, aprendeu a trabalhar e a ter sua crença. Compreendeu o que é o amor e o ódio. Aprendeu a sofrer, perder ou ganhar, enfim,

lá ele era ele mesmo. Hoje, está pertencendo à família do mundo das ruas. Agora, nesse momento não é mais o filho, está “sendo o filho”, filho do mundo que o acolhe: mundo da miséria e da exclusão social. O aqui/agora confere ao sujeito que está nas ruas o entorpecer e a invisibilização de sua identidade, mas não a desfaz. O seu eu pessoal construído socialmente, que lhe pertence, resiste:

“Eu? Sou uma pessoa comum, igual a todas as pessoas”(C N R).

“Sou assim, um rapaz, assim ... me sinto assim... meio,, acho que não sou eu que tô no meu corpo não” (R V B).

“Eu (risos...) uma pessoa boa que quer vencer na vida, mas do jeito que tá aqui, tá difícil” (R L).

A questão da identidade faz pensar em Peter Berger (1985), que traça considerações acerca do que ele chama de “construção de mundo”. Para Berger (1985), esse mundo é compreendido sociologicamente, e o indivíduo, ao construí-lo concomitantemente constrói sua identidade e a sociedade da qual faz parte.

“O homem não pode existir independentemente da sociedade. As duas asserções, a de que a sociedade é produto do homem e a de que o homem é produto da sociedade não se contradizem. Refletem, pelo contrário, o caráter inerentemente dialético do fenômeno social” (Berger, 1985, p.15).

Berger (1985) sustenta, em sua análise, afirmativa sob dois prismas de uma só questão e conduz ao espírito uma reflexão argumentativa de sua tese: a sociedade é produto do homem (dentro da lógica, incluindo o homem miserável) e o homem (incluindo o homem miserável) é produto da sociedade.

Porém, vale lembrar os dois atributos significativos da palavra miséria na língua portuguesa: 1) estado lastimoso, indigência, penúria; 2) procedimento vil, avareza. Aponta-se a miséria nesse segundo sentido para a compreensão adequada

da reflexão sobre o homem e a sociedade, (Berger, 1985), bem como os homens excluídos e sociedade.

Para alguns adultos de rua, nesta pesquisa, fica claro que percebem a construção de desigualdade engendrada socialmente. Alguns argumentam no sentido da crise política; outros atribuem essas diferenças sociais ao racismo ou às dependências químicas. O fato é que percebem, mas não remetem a culpa a alguém ou a algo específico e, sim, a uma série de fenômenos interligados socialmente no cotidiano deles. O que pode ser verificado em suas respostas, quando questionados sobre os por quês de existirem pessoas vivendo em situação de rua numa sociedade de razoável desenvolvimento:

“Nós que somos culpados. Nós votamos. Mas alguns políticos estragam tudo. Os políticos ajudam suas famílias. E para nós arruma Albergue, Casa de Recuperação. E acham que tá bom. Isso não resolve o problema “(U)

“Acredito que seja hipocrisia dessa mesma sociedade. A população cresce muito rápido e a maioria não tem acesso à tecnologia nem ao trabalho”(F A V)

“O homem é egoísta. Cada um quer tudo para si. E outros ficam sem nada.”(M S S)

“A desigualdade do próximo é muito grande. Acho que os governadores não deveriam deixar essas pessoas na sarjeta. Fazer o bem sem olhar a quem. É dando que se recebe, não é?” (F V N).

“Tem tanta coisa que provoca: separação de pais, morte de pessoa querida, separação da mulher. Droga. Cansaço, depressão e se tornam até animais. Muitos que desistem de só trabalhar e não ter nada e aí desistem da vida. O responsável é Deus ou o Diabo. Se a gente não está obedecendo a Deus se torna presa fácil para o Diabo” (G).

Berger (1985) pensa a realidade social criada pela realidade humana em três momentos decisivos e interligados dialeticamente: O primeiro deles é a Exteriorização, representando o momento que o indivíduo pensa, definindo valores, padrões de comportamento, regras e leis. Ao serem entrevistados e questionados

sobre si mesmos, como se explicam os entrevistados desse trabalho, expressaram seus valores internos, suas mágoas e anseios, assim:

“Honesto. Procuo andar honestamente para poder obter uma boa visão da sociedade” (M P C F).

“Gosto de trabalhar. Já fui um drogado. De vez em quando tomo álcool” (J R).

“Sei lá. Sou calmo. Penso antes de fazer as coisas, é por isso que não estou metendo as mãos pelo braço. Era para eu estar estudando. Fiz até a 4ª série” (P R S).

A objetivação, o segundo momento, é tratado por Berger (1985) como conquista física e mental exteriorizante da realidade vivida. Como conquista física e mental, na concepção de Berger e Luckman (1985), têm-se que:

“... a realidade da vida cotidiana aparece objetivada, isto é, constituída por uma ordem de objetos que foram designados *como* objetos antes de minha entrada em cena. A linguagem usada na vida cotidiana fornece-me continuamente as necessárias objetivações e determina a ordem em que estas adquirem sentido e na qual a vida cotidiana ganha significado para mim. Vivo num local geograficamente determinado; (...) vivo dentro de uma teia de relações humanas” (Berger e Luckman, 1985, p. 39).

Antes de o sujeito entrar em cena e viver no palco das ruas, a sociedade urbana e moderna fabrica a exclusão social tacitamente, ao negar-lhe a oportunidade de exercer sua cidadania.

“As características distintivas do modo de vida urbano tem, por vezes, sido descritas pela sociologia como a substituição das relações primárias, pelas relações secundárias, enfraquecimento dos laços de parentesco, o declínio da importância social da família, o desaparecimento das relações de vizinhança e a ruína da base tradicional da solidariedade social” (Wirth *apud* Fortuna, 1997, p. 60).

Hoje, nos grandes edifícios, com construções arquitetônicas sofisticadas, discute-se força bélica, *softwares*, *internet*, clones, bolsa de valores.

“O que é crucial sublinhar é que no contexto urbano, o confronto com a natureza pela obtenção de meios de vida, dá lugar à luta entre seres humanos, sendo os benefícios porque se confrontam assegurados, não pela natureza, mas pelo homem. Estamos perante não apenas a já referida capacidade de especialização, mas, principalmente, aquela outra

capacidade que o vendedor tem de inculcar, naqueles a quem pretende vender, os sentimentos de novas e singulares necessidades” (Simmel *apud* Fortuna, 1997, p. 40).

Os atores das ruas estão alheios a todo mover desse mundo moderno, e do avanço técnico científico civilizatório ou de novas e singulares necessidades. Vivem à mercê das boas ou más notícias que o processo dialético traz ou leva, nas teias das relações humanas, mas alijados da participação ativa:

“Não tive a oportunidade de participar desse outro lado. Já estou velho. Sou neutro. Não entendo mais a vida como ela é. Não entendo de computador, de subir em uma escada e parar num outro lugar. Acredito que o mundo evoluiu bastante e ainda vai evoluir ainda mais, se Deus permitir. Sou analfabeto desse tipo. Essas pessoas que conhecem o outro lado são privilegiadas. Não consigo responder para você. Se eu responder eu estarei mentido, não quero mentir para você. Você me ajudou muito, Estou me sentindo bem. Você vai para sua casa, e eu vou dormir na calçada, na rua. Posso, a qualquer hora, levar uma paulada na cabeça” (A C S).

“Faltou a escola. Se você não estudar vai ficar excluído. Até para varrer rua tem que ter o 2º grau. Eu não quero vender picolé. Um pouco também é porque eu já usei droga e as pessoas têm preconceito” (E A J).

“Acho que, financeiramente, as pessoas que estudam mais são mais inteligentes. Não tem explicação. É descobrir uma solução para isso. Eles descobrem tanta solução para as coisas, é bater mais uma solução para isso” (L).

“Hoje tem que ter estudo, curso, estadia. Olha, eu fiquei na Amem¹⁵. Vim a pé para cá. O que faço para conseguir é muito complexo. Eu já trabalhei como auxiliar numa boa. Em clubes. Festas. Hoje tô pra baixo. Na Santa Casa, como auxiliar de escritório. Na I.B.F. (M R N)

Essa teia de relações é uma espécie de mundo ordenado, que compõe um sistema excludente que, historicamente, aparta os sujeitos. De um lado da teia, tecida por mãos mantenedoras da miséria humana, em seu acabamento final, entre

¹⁵ AMEM – Associação Maçônica de Erradicação da Mendicância – instituição mantida pela Maçonaria que oferece abrigo temporário e refeições às pessoas que estão nas ruas. Não são recebidos se tiver ingerido bebidas alcoólicas, motivo pelo qual muitos não podem voltar, pelo descumprimento de normas

fios desconexos, surgem os apartados de um rebuscado de mau gosto: os seres famintos de dignidade humana. É comum entre a população adulta de rua, mesmo sem ter nada a oferecer, a expressão de sentimentos de solidariedade, de resignação, tudo misturado com impotência e indignação, na tentativa de objetivação e racionalização do porquê de sua miséria e a dos outros adultos de rua:

“É falta dessa sociedade que tem conforto dar apoio a quem não tem. Quem tem, às vezes, nem dá valor e também não ajuda. Se alguém me ajudar, eu quero ajudar com o pouco que tenho outras pessoas” (R V B).

“Porque tem que ser assim. Tem que ter os pobres e os ricos. Você já imaginou se todos fossem ricos, quem iria trabalhar? Tem que ter os pobres para ralar” (S C S).

“Por causa da corrupção política. Vão fazendo tudo errado, é só roubalheira” (RP).

“Acho que existem os que saem de casa porque a mãe bate. A maioria sai por opção própria. A sociedade também é culpada. Fica muita gente sem ter o que fazer. sociedade deveria preocupar mais, dar mais trabalho para as pessoas. Dar uma força. Fora isso as pessoas em sua maioria escolhem ir para a rua” (R S B).

Assim, o aqui/agora do presente faz parte da “zona mais próxima” (Berger e Luckmann, 1985) do indivíduo, que não perde de vista a realidade da vida cotidiana que contém outras “zonas” que não lhe são acessíveis do mesmo modo que a “zona próxima” . O interesse nas zonas mais distantes torna-se menos urgente.

O terceiro momento, para Berger (1985), corresponde à Interiorização. Esse processo dialético é o momento em que os indivíduos re-apropriam-se dessa realidade por eles criados, transformando-a através da consciência subjetiva.

Reportando essa idéia à população adulta de rua, ela percebe a sociedade com características hipócritas, egoístas, com desgoverno nas políticas, o que favorece a desigualdade. Essa população percebe que muitos têm muito pouco e

poucos têm quase tudo. Ela experimenta a realidade viva da miséria, em que está entremeado o seu cotidiano e sente vontade de trabalhar, se julga honesta, gostaria de ter tido oportunidade para estudar. Nada mais têm a esperar. Como re-apropriar-se dessa realidade no momento de transformação via consciência subjetiva? O que lhes resta agora? Alguns posicionam-se preocupados com a própria miséria ao serem indagados sobre o que Deus pensa sobre suas vidas. Sentem-se seus próprios algozes, como se pode observar pelos seus discursos:

“Tenho certeza que Ele se entristece. Vendo a vida que eu levava, vendo a minha falta de opinião, não só comigo, mas com todas as pessoas que andam no caminho do pecado. Pecado para mim é primeiro afastar de Deus, agora traduzindo: álcool, prostituição, droga” (J T G).

“Que Deus tenha misericórdia, dê uma vida digna. Deus é justo, eu é que faço coisa errada. Se Deus não é justo, quem será?” (N R P).

“Deus pensa que está totalmente errado. Existem dois senhores. Eu no meu caso estou em cima do muro. Não estou servindo nem um nem outro. Eu tenho que arrumar emprego. A senhora me desculpe falar, Ele quer que não se masturbe. Quer que arrume emprego. Eu na minha situação não tô servindo a Deus, só quando não estiver pedindo nada para ninguém” (E A J).

“Ser supremo para todos nós. Eu tenho muitos erros, falhas. Meu Deus do céu...”
(M R).

Ao serem indagados a respeito de Deus, reportam-se muitas vezes às suas famílias, pelo fato de estarem separados delas e acreditam que seria do agrado de Deus se estivessem juntos:

“Acho que Ele não está gostando muito não. Com sinceridade... Sei lá? Acho que é porque estou longe dos meus irmãos, mãe. Acho que ele queria que eu tivesse perto. Penso em voltar quando der” (R S B).

“Só Deus sabe. Que Ele dê misericórdia. Não quero vínculo familiar. Não quero dar essa preocupação para minha família” (N R P).

“Eu acho que Ele chegou assim e me deu um alerta para eu ter mais cuidado com o que vou fazer, no que vou aplicar esse dinheiro. É um alerta. Quando tinha minha família, tinha sempre uma reserva, mas agora, eu não reservei nada e deu aonde deu” (A).

“Minha vida atual não anda boa não. Nunca passei por isso não. Eu pensei que minha família fosse diferente” (N F V).

Um deles, nesse momento da pesquisa se recusou a falar de Deus e questionou sua família, parecia que iria chorar a qualquer momento.

Conforme Berger e Luckmann (1985), a consciência é sempre intencional, sempre age com a intenção dirigida para objetos. A percepção é de caráter seletivo, devido ao grau de valor ou importância dada do objeto. A consciência é capaz de mover-se nas diferentes esferas na realidade de mundo.

Quanto ao adulto de rua, ao re-apropriar-se dessa realidade de opressão, seu ser consciente move-se, como que atribuindo a si a razão de sua miséria e, quanto à possibilidade de qualquer mudança, atribui-a a Deus e à fé que Nele é depositada:

“Tenho fé que ainda vou sair da rua” (M S).

“Não sei. Acho que Ele acha que é assim que tem que ser. Ele ajuda, mas a gente não faz por onde. Ele faz a parte dele” (C N R).

“Deus pensa o melhor possível para mim. Eu é que não soube aproveitar. Fui muito infantil na época. Ele já me deu muitas chances” (U)

O indivíduo, ao experimentar esse mover entre uma realidade de mundo e outra, submete-se a uma espécie de choque. “A mais simples ilustração deste deslocamento é o ato de acordar de um sonho” (Berger e Luckman, 1985, p. 38). A população adulta de rua ao se deparar consigo mesma, é surpreendida em um momento de comoção, ficando remanescentes sentimentos de aceitação, confiança e esperança em Deus:

‘Uai! Ele acha que eu vivo conforme eu mereço viver, né?’ (S C S).

“Ah!! Eu acho que depende da minha paciência. Ser mais paciente e esperar pela ajuda de Deus” (F V N).

“Deus deve estar com pena de mim” (F A V).

Entre as múltiplas realidades em que o indivíduo vive o cotidiano, a prática cotidiana prepondera sobre as demais realidades. Na fala dos entrevistados, a realidade do seu dia-a-dia será por vezes anestesiada pelo uso de substâncias tóxicas que inebriam e entorpecem a re-apropriação de sua vida e, então, eles preferem se manter alheios a tudo, a buscar saída para o que não tem. Assim expressam essa realidade:

“Péssimo. Por isso dá vontade de fazer o que não deve: beber, fumar. Fico angustiado” (R V B).

“Um pouco menos perigoso viver só que com os outros embriagados. Mas não presta não. Eu tinha vontade de arrumar um emprego. Sei que preciso de um psicólogo para me tratar. Esses dias, consegui alugar um quarto. Estava trabalhando, só que bebi e perdi o emprego. Hoje tenho experiência nessa vida, muitos são novatos eu não, já passei por muita coisa. Mas essa vida de rua não presta” (L M S).

“Dificuldade. A rua não oferece nada de bom. Às vezes inverno nas drogas. Comida? Às vezes. Como em repartições municipais, ou em restaurante após as 14 horas ou no Bom Pastor ou na Amem 1¹⁶” (C N R).

“Eu já trabalhei pegando papel, alumínio, pedindo para as pessoas. Se marcar roubo. Sou epilético. Já usei drogas. Hoje bebo” (M R N).

A interiorização “constitui-se a base, primeiramente, da compreensão de nossos semelhantes e, em segundo lugar, da apreensão do mundo como realidade

¹⁶ AMEM 1 – AMEM 1 ou AMEM é a mesma citada na nota 10. O Albergue Municipal, da FUMDEC, após realizar convênio com a Maçonaria, ficou popularmente conhecido como AMEM 2.

social dotada de sentido” (Berger, 1985, p. 174). Para a população adulta de rua é difusa a compreensão de quem é seu semelhante. Sua fala sugere, para esta categoria, aquele que está na mesma situação. Muitos reafirmam que a forma que estão vivendo “não serve” para um ser humano. Os membros de sua família, embora sejam seus semelhantes (anteriormente interiorizado), não estão dividindo a mesma realidade:

“É uma forma muito humilhante. Para mim e para os outros que estão vivendo” (M P C).

“O que todos dizem? Não é bom, né? Você não dorme, passa a noite” (M R.N).

“Péssima. Não é vida para homem não” (F V N).

A que mundo pertencem esses seres que perambulam à mercê da sorte? Muitos deles têm convicção de que pertencem a um mundo ruim, que gostariam de estar em casa e levar uma vida digna. Poucos vislumbram uma perspectiva melhor:

“Uma vida? Isso não é uma vida. É jogado” (G).

“Na idade que tô agora, acho péssimo” (R A F).

“É ruim, né? Muito ruim. O objetivo da gente é ter um lar, pra sossegar a cabeça. Uma moradia. A esperança é a última que morre” (M S S).

“Não tenho perspectiva. Tanto faz ter ou não ter. Quero comer bastante hoje para não morrer com fome amanhã” (A C F).

Esses sujeitos, ao reportar o pensamento em suas famílias, sentem vergonha. Nesse instante eclode o sentimento de não-pertença a seu núcleo familiar. Muitos agora se entregam à miséria que lhes é ofertada naquilo que existe efetivamente, na obscuridade das drogas:

“Vim de Brasília para internar numa Casa de Recuperação, fugi da Casa de Recuperação, mas não quis avisar a família e fui parar na rua. Quero voltar para a internação” (N R P).

“Bom, primeiro foi através das drogas. Meu vício maior é as drogas. Só as drogas mais tradicionais, maconha, cocaína que eu uso, não é direito porque não tenho dinheiro e não roubo, eu não sou bobo, porque posso ir para cadeia. Desacerto na família. Resolvi sair de casa, não casei, mas morei com uma mulher, voltei para casa, mas não achei justo com minha mãe. Fiquei na rua” (J T G).

Percebe-se que o papel de mãe enfocado pelos adultos de rua durante esta pesquisa, não é apenas uma mera recorrência e sim, uma referência forte para esses sujeitos inseridos em dinâmicas próprias à história dos pobres no Brasil. “Lembramos que censo do século XX revela, em certas cidades, uma proporção surpreendente de mulheres chefes-de-família: até 40 %” (Fonseca *apud* Priori, 2001, p. 522).

Durante quase todo o transcorrer dessa pesquisa, nota-se a manifestação oral por parte dos adultos de rua, ao fazer referência à sua mãe, ligando-a de certa maneira, ao fato de ir, estar ou permanecer nas ruas.

O indivíduo assume e compreende o mundo no qual está pronto, no qual os outros indivíduos já vivem. Assim ocorre a identificação pelos outros e a auto-identificação.

Esse sujeito, quando inicia sua vida nas ruas, assusta-se com a nova jornada que o aguarda, sente dificuldade em identificar-se aos outros, vacila e até pensa em ir embora:

“Ruim demais. Não tem serviço. Estou querendo ir embora. Não tem como a Senhora me dar uma passagem?” (R L).

“Infelizmente, estou com duas semanas. É péssimo. À noite não deixam a gente dormir. Não sei como esse povo acostuma. Emagreci 8 kg, às vezes nem é só por falta de comida, mas por preocupação” (A B).

Continuando a pensar a interiorização, esta se realiza através da identificação e em um processo dialético:

“A dialética, que está presente em cada momento em que o indivíduo se *identifica* com os outros para ele significativos, e, por assim dizer, a particularização na vida individual da dialética geral da sociedade” (Berger, 1985, p. 177).

Porém, frente a uma realidade objetiva, nenhum indivíduo interioriza a realidade da sociedade em sua totalidade. Com o passar do tempo, o adulto de rua banaliza a própria vida de miséria que leva. Acostuma-se a ela, seu discurso torna-se breve. Não tem mais ânimo em sua fala ou questionamentos frente à realidade objetiva. Sua auto-estima dilui-se diante das privações e resultam em um momento de estagnação:

“Muito ruim. Não é uma das melhores formas de se viver. Não tem emprego ...” (A O A).

“Não acho bom não. Queria viver uma vida confortável. Minha irmã tem a vida dela para lá, tem carro, mas não incomodo. Eles sabem que eu moro na rua, mas não gosto de humilhação deles, basta a humilhação da rua” (E R J).

“ Vai vivendo, né? Para mim está bom” (R P).

“Não é muito fácil, não, por que tem pessoas que discriminam a gente, também as que ajudam. Mas é legal” (S C S).

Portanto, compreende-se o indivíduo como um ser dialético em constante criação subjetiva, exteriorizando o que sente, vê, recebe, percebe, participa, convive, em constante expansão de seu ser, e se percebe como criatura de sua própria criação (Berger, 1985). O indivíduo assim compreendido é como o próprio ego, parte do eu, passível de modificações no mundo interior, por influência direta do mundo

exterior e sujeito a novas transformações, pela influência da subjetividade do mundo interior. Assim, o homem pertence, constrói e vive o dinâmico processo bergeriano de exteriorização, objetivação e interiorização: “O ser humano é exteriorizante por essência e desde o início (...) ocupa uma posição peculiar no reino animal (...). À diferença dos outros mamíferos superiores, (...) o homem é curiosamente inacabado ao nascer” (Berger, 1985, p.17).

O fato de ser “inacabado” torna-o frágil ao nascer diante da natureza. O processo pelo qual estará sujeito a percorrer durante sua construção de mundo e tornar-se adulto é o que o diferencia do animal irracional. Ao vir ao mundo, esse precisará estar pronto para recebê-lo.

Diz Berger (1985, p. 8), que “o homem está em um mundo que precede o seu aparecimento. Mas à diferença dos outros mamíferos, esse mundo não é simplesmente dado, pré-fabricado para ele. O homem precisa fazer um mundo para si”. A construção de mundo (sociedade) brasileiro tem sido no decorrer de sua história, constituído sob moldes que apartam os seres humanos.

Embora o Brasil tenha vivido os tempos de colônia e, hoje viva a globalização (Boff, 2002), a realidade brasileira e a realidade goiana ainda padecem do mesmo mal, qual seja o de um exército de desempregados sem capacitação e culturalmente disponível, à espera de um emprego ou colocação no mercado de trabalho. O diagnóstico de Boff (2002), revela um país:

“Com 10% de pessoas concentrando 50% da riqueza nacional, enquanto 50% dos mais pobres concentram 10%. Com a população pobre, segundo o IPEA, aumentando sempre como recordista em desigualdade e pobreza” (Boff, 2002, p. 78).

Essa herança de desigualdade, pobreza e desemprego têm como uma de suas origens a escravidão no Brasil que, apesar de afirmações em contrário, com a abolição da escravidão, quando, de um momento para o outro, setecentos mil

escravos viram-se “livres” e sem trabalho. O fato agrava-se com a vinda de imigrantes europeus, com mão-de-obra melhor preparada do que aquela dos ex-cativeiros. A questão do desemprego e do sub-emprego compõe o cenário tradicional brasileiro. As pessoas desqualificadas para entrar no mercado de trabalho hoje em Goiânia têm dificuldade para conseguir qualquer colocação. Muitas pessoas vindas de vários outros Estados, em especial os mais pobres, saem de seu meio, de suas raízes culturais em busca de realizar o sonho do Eldorado. Encontram como alento o submundo da miséria na cidade grande. É o cidadão sem classe, que assim se concebe:

“Ninguém gosta. Se tivesse trabalhando tava melhor. Eu não roubo, fui preso aos 16 anos e tenho horror de ir preso de novo” (P R S).

“Sou normal, não tenho mágoa de ninguém. Sou um cidadão sem classe. Tem uns da classe dos policiais, da classe dos funcionários públicos, entende? Eu até hoje não fui preso, porque eu sei que se eu chegar e roubar, vou ser preso. Tô assim porque não tenho emprego. Veja, estou sem meu alistamento até hoje e vou fazer 21 anos. Porque nunca fui informado. Eu não tenho ódio de ninguém. Quero casar e ter uma criança. A gente tá aqui para isso, no mundo. Tenho uma vontade de comprar uma moto e pagar com meu dinheiro. Eu vi no centro uma loja, uma loja que eu poderia pagar R\$ 100,00 por mês, se eu tivesse casa e emprego, eu poderia comprar” (E A J).

Durante sua construção, o ser humano vai adquirindo, moldando e construindo a identidade própria, produzindo símbolos culturais imanentes de sua condição humana, estabelecendo sua cultura, e criando símbolos para a linguagem e a comunicação: Esse universo de representação simbólica servirá de alicerce arterial confluyente à comunidade originária.

Assim ocorre o processo de socialização do indivíduo, em uma realidade objetiva ou subjetiva no momento de objetivação (Berger, 1985). Socialização essa que só ocorrerá se a experiência do eu interior entrar em diálogo com o “eu” exterior. O indivíduo, ao socializar-se, aceitará ou não o papel que a sociedade lhe outorgou.

Esse processo de socialização entre o eu e a sociedade é a própria identidade sendo forjada e cunhada no inconsciente humano através dos símbolos de linguagem e comunicação.

O adulto, já em um processo de construção de sua identidade, fornecerá a ela novos elementos culturais nesse novo modo de habitar o espaço público:

“Isshi!!!! Eu sou um camarada que tem facilidade de “intrusa”. Lá em Brasília eles fala assim - intrusa” (A O S).

“As pessoas que servem a Deus não vivem como eu tô vivendo. Eu sigo os mandamentos. Na linguagem da rua eu sô chamado de “Comédia”. Sabe o que é isso? É que eu não ataco ninguém. Tenho medo da cadeia e não nasci para isso. Deus é tudo. Eu não sei explicar. Deus não quer você caído na rua, quer você na fatura. As coisas melhores são de Deus. A senhora não pode ficar parada, tem que correr atrás” (E A J).

“Foi em 1999. Tem hora que a rua parece que chama. Eu tava em casa quieto e falo assim “eu vou ali” e esse vou ali e bebo cachaça, uso merla” (P R S).

A assertiva de que o *homo-sapiens* é um animal social possibilita-nos refletir que a construção de seu mundo será uma tarefa humana coletiva. “É trabalhando juntos que os homens fabricam instrumentos, inventam línguas, aderem a valores, concebem instituições, e assim por diante” (Berger, 1985, p. 20).

O ser humano constrói a sociedade e incorpora culturalmente essa construção. Aceitando-a e compartilhando-a com todos. Segundo analisa Berger (1985), a sociedade é atividade humana objetivada e que atingiu o status de realidade objetiva.

Ao refabricar seu mundo nas ruas, o indivíduo perceberá que não se trata de tarefa fácil que possa ser feita individualmente. Com o passar do tempo agregará ao seu acabamento novos valores, regras, normas, códigos de linguagem e de honra.

A população adulta de rua não compartilha com toda a sociedade o que incorporou durante a formação de sua identidade. Desempenha agora um papel de abnegação. Divide suas dores com Deus, que está sempre presente em seu eu:

“Deus para mim é tudo” (R L).

“Tenho para mim que Ele é uma pessoa muito poderosa. Só tenho que preciso Dele, Ele está pronto para me ajudar. Não tenho fé em ninguém. Sempre Deus. Sempre que preciso Ele abre as portas, não é brincadeira não, duas semanas de rua, ando todo dia pedindo emprego. Faço minha parte e Deus toma conta. Deus para mim é tudo. Não tem nada comparável a Deus. Tenho para mim que a gente pode viver sem tomar água, sem comida, sem casa, mas sem Deus a gente não vive. Sempre tem que estar com Ele” (A B).

“É bom pra quem sabe aproveitar a bondade Dele. Mas para as pessoas que não sabem não adianta. Sei lá, para mim é uma pessoa muito boa nas horas mais difíceis ele dá um empurrão” (P R S).

A rua é um mundo feito de improvisações. "Sem horário fixo ou bússola que oriente", Zaluar (1994), as pessoas em seu caminhar cotidiano ou o delimita, ditando ordens para o seu espaço, para o seu tempo. O tempo, o espaço, o rumo são elementos uníssonos em sua parca importância para as pessoas que habitam a rua:

“Como aqui, ali, olho um carro, lavo. Geralmente vou aonde abrem as portas” (G).

“Olha, para viver, as roupas eu peço, comida tem o Bom Pastor, que lá eu almoço e janto. Dormir, cada dia em um lugar” (R V B).

“Sei lá, deixo a vida me levar” (P R S).

Ao construir seu mundo, o indivíduo constrói objetivamente regras, estruturas de controle, valores e normas de conduta que serão inseridos no existir humano nesse contexto mundano fabricado por ele mesmo.

Como no pensamento bergeriano, Dussel (1997) percebe o homem como um animal social, sempre em convivência em uma sociedade construída dialeticamente por ele. O autor compreende a questão da intersubjetividade como o mundo de cada indivíduo, construído culturalmente em consonância com o mundo dos outros indivíduos, até a formação real, histórica da humanidade. Assim constitui-se o que chamamos civilização. “A civilização é o sistema de instrumentos criado pelo homem transmitido e acumulado progressivamente através da história da espécie pela humanidade inteira” (Dussel, 1997, p. 28).

Continua o autor afirmando que a atitude e o comportamento humanos, mediante os instrumentos, definirão o “ethos”. “Chamaremos de ethos de um grupo ou de uma pessoa os complexos totais de atitude, que, predeterminando os comportamentos, formam um sistema” (Dussel, 1997, p. 30).

A que civilização pertencemos e que sociedade é esta? Segundo Dussel (1991, p. 26), “Ao encararmos o homem, sempre o encontramos já em sociedade. Entretanto, quando nos percebemos como homens, já estamos anteriormente constituídos em intersubjetividade”. Como, numa sociedade, se permite conceber algumas pessoas humanas que, para sobreviver, comem lixo? É uma intersubjetividade estranha, ao mesmo tempo em que:

“Permite-nos perceber como um eu numa rede significativa, com sentido, em um *mundo* que esperou para que nascêssemos para nos acolher em seus braços e nos amamentar de símbolos que configuram nossa consciência concreta” (Dussel, 1997, p. 26).

Essa rede significativa mais se assemelha a uma rede de intrigas, tecida meticulosamente por uma tarântula, com fios de barbárie social, reeditando a assimetria humana. Rede de desigualdades e exclusão que explica a população adulta de rua. A sociedade, ao voltar seus olhos a um miserável de rua, já

acostumada com o cenário de *apartheid* social, “conscientemente”, torna invisível o que não quer ver.

Cada indivíduo que compõe a população adulta de rua vive o aqui e o agora da degradação humana. Está nos interstícios da sociedade “sem estar” no mundo. “A sociedade pode aleijar e matar. De fato é no poder sobre a vida e a morte que manifesta seu supremo controle sobre o indivíduo” (Berger, 1985, p. 38). A “zona próxima” é sua miséria. Seu elo de ligação entre as outras “zonas” torna-se um fio tênue impossível à sua percepção. Assim, fica estagnada a dialética dos três momentos de criação do mundo bergeriano (1985). Vive-se de forma intensa o momento da objetivação. Impedida a fluidez da dialética, o indivíduo não se identifica com nenhuma particularização humana. O tudo nada lhe significa. Esse “nada” foi observado durante esta pesquisa quando os entrevistados foram questionados sobre como conseguem viver nas ruas:

“Vai levando” (N R P).

“Quando como, é o resto dos restaurantes, depois das 14 horas. Às vezes fico sem comer e bebo[pinga]” (M S).

“Psicologicamente? A gente não vive. Vive porque quer viver, né? Isso não é vida para ninguém. Misericórdia ...”(M P C) .

“A gente não consegue; a gente vive. É tão complicado que não sabe explicar como é” (A O A).

“Me locomovendo. As pessoas na rua ajudam a encontrar boca de rango. Prefiro dormir na rua do que em Albergue. Lá tem muita norma” (U).

A rua, a “zona próxima” (Berger e Luckmann, 1985), a miséria é tudo que lhes parece pertencer. Agora a zona da miséria experienciada fará com que eles não apenas se sintam fora do contexto de pertença do mundo humano. Como veremos a seguir, estão à parte da intersubjetividade, pertencem a

intersubjetividades análogas. O mundo, a sociedade não os acolhe ou os “amamenta” de símbolos humanos. São retro-alimentados por símbolos concretos sim, porém por símbolos animalizantes e auto-segregadores, que pode ser observado nas respostas dadas durante a pesquisa:

“Minha família me mandou para cá para internar. Fiquei internado e quando eu saí, eu tinha que voltar, mas fiquei na rua para não preocupar minha família. Vigia carros. Para a sociedade, vigia de carro é incompetência, me sinto um micróbio da sociedade¹⁷” (A C S).

“Eu tenho uma coisa e outra coisa a fazer. Casa não tenho. Tem que ficar assim, igual a um cachorro. Ontem à noite eu não morri porque Deus me salvou” (F V N).

Percebemos a sociedade constituída por meio de um sistema de mundo em consonância com a aceitabilidade da miséria, produzindo-a e reproduzindo-a a cada hora, a cada minuto, revelando uma humanidade desumanizante.

2.1 - Identidade cultural, religião e seu aparato

O ser humano “é biologicamente predestinado a construir e habitar o mundo com os outros. Esse mundo torna-se para ele a realidade dominante e definitiva” (Berger, 1985, p. 240). Para melhor compreensão do termo identidade, é preciso pensar o seu contexto formador alicerçado dentro de um determinado *ethos* cultural adquirido pela educação recebida na família, no grupo social, nas relações de classe, nas heranças ancestrais.

Antes de afastar-se de seus familiares e de seu grupo social, o sujeito das ruas terá introjetado valores, regras e normas em seu eu e que o acompanharão por onde quer que vá ou esteja. O seu eu será sempre seu eu. Mesmo reinventado ou

¹⁷ Nesse momento o entrevistado chorou muito.

refabricado, durante sua vida nas ruas, novos valores, regras e normas, o que foi introjetado durante sua formação sócio-cultural primária sempre estará presente.

A identidade, uma vez forjada, é como uma picada, que abre caminho estreito em mato denso a golpes de facão nas mãos do mateiro. Caminho que conduz às lembranças e liga o sujeito a si mesmo:

“Perdi minha mãe com 5 anos. Meu pai foi para o Pará e me largou no centro de Goiânia com 12 anos. Minha tia tentou me ajudar. Mas eu não dei valor. Eu não estou agüentando ficar na rua, quero namorar. O corpo pede, a senhora entende, né. Eu já morei debaixo de ponte, sujo, já envolvi com maconha, hoje não. Não bebo, só fumo cigarro, cato papelão, durmo na rua, não descanso direito. Estou com medo de morrer queimado” (E.A.J.).

“Primeiro é que aconteceu um problema comigo. Eu e minha mãe não conseguimos conviver junto. Brigávamos muito. Aí eu quis sair” (F.A.V.).

Toda informação será introjetada e fará parte do *modus vivendis*, ou seja, da própria identidade cultural individual e, conseqüentemente, da coletividade:

“Cultura é o conjunto orgânico de comportamentos predeterminados por atitudes diante dos instrumentos de civilização, cujo conteúdo teleológico é constituído pelos valores e símbolos do grupo, isto é, estilos de vida que se manifestam em obras de cultura e que transformam o âmbito físico-animal em um mundo humano, um mundo cultural” (Dussel, 1997, p, 34).

Percebe-se, no transcorrer do diálogo com o adulto de rua, que o alicerce de sua identidade cultural vê-se quase sempre abalado quando há uma ruptura em sua relação com a figura feminina, com maior ênfase à figura materna. Nesse instante abalam-se valores e símbolos adquiridos no *ethos* cultural familiar. Essa ruptura entra em cena quando se discute os elementos legitimadores, em seu discurso oral, ao sistematizar sua justificativa, orientada na busca de motivos condicionantes por estar nas ruas:

“Desempregado. Vim procurando emprego. Às vezes tem proposta, mas não se efetiva. Goiânia está mais próxima da minha cidade. Sou casado. Estamos separados. Temos 3 filhos e 3 netos” (U).

A figura materna exercerá firme função nessa teia de relações condicionantes da ida para as ruas, funcionando como fator de ruptura ou reativação de vínculos: morte, abandono, separação dos pais ou extrema pobreza:

“Minha mãe era fraca de situação. Muita pobreza, não tinha condições de alimentar os filhos direito. Ela e meu pai se separaram. Minha mãe ficou solteira e arrumou outro marido, que só queria ficar com as meninas em casa e batia nos meninos. Nós somos 10 irmãos, 7 homens. Ele batia e aí eu fui para rua, aos 10 anos. Fui convivendo com o povo de rua” (M SS).

M S S tendo ido para o mundo das ruas muito cedo, aos dez anos de idade, introduziu na sua concepção de família novos elementos: pessoas sem laços consangüíneos que dividem a mesma situação de penúria e miséria nas ruas e eram aceitos por ele e por ele cuidados como que fazendo parte de uma grande família:

“Eu já ‘criei’ mais de 80 pessoas na rua em Brasília e Goiânia¹⁸. Pegava comida no supermercado e colocava eles para estudar, ajudava afinar pedras [para limpar pneu de carro] quando os meninos não queriam mais estudar” (M S S).

Já L M S, desde a morte de sua mãe, não conseguiu estruturar sua vida. Tendo passado por várias tentativas de recuperar-se da dependência química, em Casas de Recuperação. Perdeu o olho direito em uma briga por um “ponto” na rua:

“Depois que minha mãe morreu, meu irmão mais novo foi pra o Mato Grosso trabalhar em rodeio aí eu vim para Goiânia e experimentei o primeiro gole de pinga e aí minha vida virou uma miséria” (L M S).

O presente trabalho, por falta de tempo, não aprofundará essa vertente de compreensão dos fatores determinantes da ida para a rua, se estará ou não

¹⁸ Criar para o entrevistado era ajudar arrumar comida, arrumar lugar para dormir, mostrar local menos perigoso.

condicionada à figura feminina. Julgamos, porém, pertinente destacar essas informações por se fazerem recorrentes em suas falas, colocando-nos como desafio aprofundar nessa análise em trabalhos posteriores. É relevante no momento mostrar outras respostas de pesquisados no que diz respeito aos condicionantes da ida para as ruas. Outras formas de ruptura na família:

“Briguei com a primeira mulher, fui morar com minha mãe, ela faleceu e briguei com minha irmã e vim morar na rua. Já vi coisa do arco da velha na rua. Vi minha irmã semana passada, ela me arrumou dinheiro para eu alugar um quarto. Não volto a morar com ela para não ter que dar satisfação” (S. C. S).

Retomando, como instrumento para compreensão de identidade cultural, pode-se encontrar em Geertz (1989) uma contribuição ao conceito de cultura.

“... um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas e expressas em formas simbólicas por meio dos quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida” (Geertz, 1989, p. 103).

A identidade cultural é o eixo de valores composto em um determinado grupo social, constituindo-se num estilo próprio, expresso por símbolos tradicionais de linguagem e comunicação particulares pertencentes a um indivíduo e conseqüentemente ao grupo social.

Durante a pesquisa de campo, foi possível observar que o adulto de rua tem presente valores religiosos que não se apartam de seus discursos. Emocionam-se ao falar de Deus e de suas crenças religiosas. Perguntamos: Quem lhe apresentou Deus? Quem lhe ensinou a respeitá-Lo? Senti-Lo? Adorá-Lo? O indivíduo pode estar nas ruas, longe da figura feminina (mãe) e de sua família, mas leva Deus consigo em seus discursos, como um presente materno ou familiar intrínseco em seu eu, fruto da socialização primária (Berger, 1985).

A fome e a miséria, a falta da mãe, a separação dos pais, o uso do álcool ou de outras drogas são fatores proporcionantes da miséria maior: a inopsiosa vida das ruas. Durante a pesquisa de campo, ficou clara a presença de Deus, demarcando a identidade individual, independentemente da pertença ou não a uma confissão religiosa específica ou ao trânsito religioso praticado. São valores fixos e presentes entre a população adulta de rua:

“Depende da religião. Bom, se querer julgar ou comprar, não é coisa boa. Olha! Já fui Evangélico, até obreiro¹⁹ em uma casa de recuperação. Sou desviado, na verdade. Estou pagando o preço da desobediência” (J T G).

“Não tenho como te responder isso não. Porque cada um vai pelo que acha que é certo, né? Evangélica. Conheci essa religião um pouco na rua, um pouco com a família” (G).

Repensando a identidade cultural como eixo de valores de um determinado grupo social, os valores intrínsecos à religião fornecidos pelo elemento humano irão compor essa identidade cultural reforçada pela prática e pela crença religiosa:

“ ... o ethos de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem arrumado para acomodar tal tipo de vida” (Geertz, 1989, p. 104).

Em sua análise, Geertz (1989) observa como o problema religioso incide no problema do sofrimento humano. Não em como evitá-lo e, sim, como suporte frente à dor, à perda, à derrota.

E o que sustenta a população adulta de rua em Goiânia? Ela é composta de brasileiros que estão nas ruas. A casa dessas pessoas, porém, não está mais nas

¹⁹ Obreiro – em geral, são pessoas convertidas à religião Evangélica que aderem à filosofia de trabalho da Casa de Recuperação, e poderão tornar-se trabalhadores da casa.

ruas, pois já não há casa. Se existe, só pode estar em algum lugar remoto. Eles buscam, então, sustentar-se do último e mais sagrado sentimento que possuem intacto: sua devoção a Deus. Deus sempre os compreenderá, os receberá de volta se estiver afastada Dele e os perdoará. A população de rua, por ser miserável e mostrar-se a Ele, mesmo que não O esteja servindo ou que sinta que a sua miséria seja fruto de dívidas para com Ele, justifica como expiação a forma de vida que leva:

“É um superior, não é? Além de ser superior, é médico, é pai, é tudo. A pessoa que passa tudo isso é que deve estar pagando alguma coisa. Eu não me lembro nada de ruim ou de mal que eu fiz para os outros. Diz que aqui se faz, e aqui se paga. Não me lembro do que fiz de errado. se existe outra vida, devo tá pagando. Pois eu nessa vida só fiz ajudar. E até mesmo na minha profissão, quarenta e quatro anos de profissão não é quatro dias não. Vinte anos de carteira assinada. Eu ensinei oito pessoas a minha profissão [relojoeiro]” (F V N).

“Deus é o criador, é o pai da gente. É indiscutível. É uma coisa que não pode esquecer em momento algum. Aconteça o que acontecer, Ele é pai. Do jeito que estiver, Ele recebe, rico, pobre, limpo, sujo, aleijado” (MS S).

“Temos que se reconciliar bem porque ele virá buscar as almas, os espíritos que pertence a ele. A gente tem que se reconciliar. Tem que ler a Bíblia. Ele tá vindo. Deus é o pai de toda a humanidade. A gente tem que procurar Ele. Não é Ele que se afasta da gente, é a gente que se afasta Dele. A gente é que peca. Um mínimo de mau pensamento já afasta de Deus. Talvez em uma sexta-feira, jejuar um pouco é bom para obter graça ou pedir perdão. Depois que comecei a fazer isso achei legal. Eu já sabia disso mas nunca tinha feito” (R S B).

É fácil perceber a forte presença de Deus entre a população adulta de rua, esses sujeitos crêem incondicionalmente Nele, como o calor que aquece seu espírito na realidade cotidiana de penúria. Mesmo com sua identidade adormecida, basta mencionar algo e trazê-lo à sua memória que seus olhos se iluminem, como que querendo dizer: eu O conheço e Ele está comigo. Outro dirá: basta obedecê-Lo, buscá-lo e não me afastar Dele para não pagar o preço por essa desobediência.

CAPÍTULO 3

MODERNIDADE, SECULARIZAÇÃO E IDENTIDADE DA POPULAÇÃO ADULTA DE RUA

3- População adulta de rua em contexto de modernização

Ao analisar a teia de relações que leva o indivíduo a compor a população adulta de rua em Goiânia, é impossível deixar de lado a questão da migração interna do país e sua realidade intrinsecamente interligada ao processo histórico de urbanização:

“O grau de ‘urbanidade’ com que podemos caracterizar o mundo contemporâneo não inteira nem exatamente mensurável pela proporção da totalidade da população que vive nas cidades. A influência que a cidade exerce na vida social do homem é superior ao que a parcela urbana da população faria julgar, pois a cidade não é apenas, cada vez mais o lugar de habitação e de trabalho, mas também o centro que põe em marcha e controla a vida econômica, política e cultural, que atraiu à sua órbita as mais remotas regiões do globo, configurando um universo articulado de uma enorme variedade de áreas, povos e atividades” (Wirth *apud* Fortuna, 1997, p. 45).

Por volta dos anos 70, uma grande parte da população do campo saía para a cidade, facilitada pelo chamado Brasil das Rodas, causado pela ênfase à expansão da malha rodoviária, facilitando a migração. Era o reflexo acelerado do

processo de urbanização e industrialização e, como consequência, a quebra no ritmo de isolamento das comunidades tradicionais, ocorrendo o que afirma Durham:

“Em nenhum momento, essa transformação se apresenta de modo tão dramático ou tão completo como quando dá origem à migração, transferindo indivíduos e grupos das comunidades mais tradicionais e mais pobres para os grandes centros urbanos, onde se concentram as inovações, a riqueza e os centros de decisão que transformam o país” (Durham, 1984, p. 8).

A modernidade marcava sua presença. Era a própria economia do país que se modificava, expulsando o homem do campo, obrigando-o a orientar-se em uma nova realidade capitalista, na condição precária de trabalhador sem qualificação exigida na cidade grande.

O processo migratório rural no Brasil do século XX implicou no fenômeno de redistribuição maciça da população para as zonas urbanas. Já no final do século XX e início do XXI, o processo migratório que é observado neste trabalho, é acrescido pelo processo migratório interestadual e seu movimento:

“A população urbana brasileira que, em 1920 não representava mais do que 10% da população total atinge, 20 anos depois, quase 3 milhões de pessoas, isto é, 31% dos habitantes do país. Na década seguinte prossegue intenso processo de urbanização e, em 1950, 36% dos brasileiros (quase 13 milhões de pessoas) viviam em cidades. O mesmo ocorre no período entre 1950 e 1960, e o censo desta última data acusa uma população urbana de 32 milhões de pessoas ou 45% da população. Em 1970, pela primeira vez, essa população excede a rural - dos 93 milhões de brasileiros recenseados em 1970, 52 milhões, isto é, 56% residia nos aglomerados urbanos “ (Durham, 1984, p. 20).

Goiânia, tem hoje, com 1.090.581 habitantes, conforme dados preliminares do Censo de 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE - . Número crescente, pois que na última década a cidade recebeu 90.578 migrantes vindos,

pela ordem, de Tocantins (8.979); Bahia (5.301) Pará (5.207) e São Paulo (5.103), entre outros Estados.

Expropriados dos meios de produção, esses migrantes aspiram ingressar no mercado de trabalho. Considerando o excesso de contingente, não serão normalmente absorvidos pelo mercado, que opera no sentido de ter um mínimo possível de trabalhadores, contribuindo para o aumento do desemprego, da fome, da miséria e conseqüentemente da violência, indo de encontro aos desafios apontados por Dowbor:

“...a humanidade precisa urgentemente puxar as rédeas sob seu desenvolvimento e dotar-se dos seus instrumentos institucionais capazes de efetivamente capitalizar os avanços científicos para um desenvolvimento humano” (Dowbor, 1998, p. 15-6).

Esse processo é visível a todos e à própria população que vive nas ruas, fato que pode ser observado em uma fala durante a pesquisa de campo:

“Acho um absurdo. A globalização do nosso país, muitas máquinas que substituíram os homens e então o homem ficou inútil” (U C V).

O geógrafo, coordenador do curso de Geografia da Universidade Federal de Goiás (UFG), Orlando Francisco da Rocha Almeida, em entrevista ao Jornal *O Popular*, em janeiro de 2001, revela que a situação atual é o reflexo fiel da política adotada pelo governo goiano em gestões anteriores, com distribuição de cestas básicas, lotes e casas: “Trata-se de um assistencialismo que transformou o Estado num Eldorado para todos os moradores de regiões que vivem em extrema miséria, como o Norte e o Nordeste.”

Preocupa-nos relatos como os do professor Orlando Francisco, principalmente ao ouvirmos seu eco durante discurso do próprio adulto que está nas ruas ao referir-se à cidade de Goiânia:

“Aqui é a pior realidade do mundo, porque oferece todo privilégio. Dão comida, favorecem as pessoas a ficarem nas ruas. Sou um cara profissional. Ganho dinheiro, depois gasto tudo. Bebo tudo. Sou técnico em portas de aço e toldos. Era viciado em jogo. Achava que era inteligente. E lá eles bebiam o meu dinheiro. Mas gosto de comer bem. Eu vou para a churrascaria, pago, R\$ 5,00 ou R\$ 10,00, sei que o resto vou beber mesmo” (A F C).

“Por causa do problema. Aqui os nordestinos são servidos na bandeja. Bom, estava frio em Campo Grande. Aí eu queria uma blusa de frio. Eu roubei uma blusa de frio e fui preso. Não posso voltar” (M R N).

O migrante, focalizado neste contexto, é o indivíduo que, em busca de melhores condições de vida, sai de seu local de origem, de sua terra, deixando para trás parte de sua história, suas raízes, sua identidade cultural, submergindo-a. Carrega junto a si seus sonhos, entre eles o de que talvez um dia, caso alcance seu objetivo, possa voltar. Viaja só ou com toda a família e como diz Durham (1984):

“A própria miséria que caracteriza as regiões menos desenvolvidas do país só pode ser entendida como resultado da desagregação da ordem tradicional que decorre justamente do processo de expansão do capitalismo industrial, o qual é responsável pela forma que assume a diversidade regional” (Durham, 1984, p. 9).

Pode-se analisar este trecho de Durham (1984) traçando um paralelo com a população adulta de rua em Goiânia que a maioria dessa população é formada por pessoas do sexo masculino que, quase sempre sai em busca de seus sonhos. Encontrando-se com idade de plena força produtiva, sua mão-de-obra, porém, não é considerada na cidade grande. Essas pessoas não conseguem trabalho para seu sustento, como esperavam, nem tampouco para enviar qualquer quantia à família que ficou. Assim sendo, muitos têm vergonha de retornar de mãos vazias.

Trabalhando a realidade dessas pessoas de perto, foi intrigante observar que algumas, ao atingirem o patamar máximo da miserabilidade humana, limiar entre razão e loucura, não se importam com o mau cheiro que exalam. Muitos, com as

roupas toscas e sujas de urina e fezes que lhes tapam parte do corpo, não sentem o incômodo de levarem feridas e miíases (qualquer afecção provocada pela invasão de tecidos ou cavidades do corpo por larvas de moscas ou dípteros em geral). Trazem o estigma de serem loucos e perigosos. Por trás dos andrajos, mesmo existindo apenas lampejos de humano, sua identidade adormece.

A sociedade, em pleno século XXI, em nome da modernidade capitalista que, sem qualquer tolerância, expulsou os indivíduos de suas raízes, hoje os acolhe sob o rótulo de filhos da miséria absoluta, herdeiros do capitalismo que produz deslegitimação do outro:

“A intolerância é, portanto, a inclinação natural da prática moderna. A construção da ordem, coloca os limites à incorporação e à admissão. Ela exige a negação dos direitos e das razões de tudo que não pode ser assimilado - a deslegitimação do outro. Na medida em que a ânsia de por termo à ambivalência comanda a ação coletiva e individual, o que resultará é intolerância, mesmo que se esconda, com vergonha, sob a máscara de tolerância (o que muitas vezes significa: você é abominável mas eu sou generoso e o deixarei viver)” (Baumann, 1999, p. 16).

Esses aspectos foram observados em análise do próprio adulto ao discorrer acerca de sua sobrevivência, em uma sociedade que o permite viver nas ruas:

“Tá difícil, tô velho não agüento mais, fui operado de apendicite, tava internado. Sai hoje do hospital Bom Jesus (clínica psiquiátrica). Tentei pedir ajuda. Fui preso. Fui internado no Adalto Botelho²⁰. Hoje sou aposentado pelo governo federal. Queria ajuda. Tô pedindo ajuda. Tô pedindo socorro. Quero dormir em algum albergue. Trabalhei 10 anos olhando carro na rua” (A C S).

“É um pouco difícil. Apesar de eu não conhecer o pessoal que dá comida, devo muito à Irmã Margarida²¹, ela ajuda muita gente. Ontem não consegui almoçar. Só jantei à noite. Graças a Deus ontem arrumei trabalho. Fiz um teste de topógrafo, na CIELT. A empresa não

²⁰ Adalto Botelho – Antigo Hospital de Psiquiatria Público, hoje conhecido como Núcleo de Saúde Mental Wassily Chuc.

²¹ Irmã Margarida – Freira de Igreja Católica. Pessoa popular entre os adultos de rua de Goiânia, por distribuir sopas e palavras de fé.

sabe que eu tô na rua, dei o endereço de algumas pessoas conhecidas. Que Deus me ajude” (A B).

São em sua maioria pessoas simples que ansiavam por melhores condições de vida. Fracassadas e excluídas pelo poderio econômico, fazem parte de considerável parcela da população que tem sido exterminada lentamente do convívio sócio-familiar em nome da modernidade.

3.1 - A crença em Deus para a população adulta de rua

Ao atingir o patamar de miserabilidade, o indivíduo entorpece sua identidade originária e distancia-se de suas raízes, rompendo aí o humano invisível. Ao entorpecer a identidade é imposto a ele desempenhar o papel de miserável de rua.

Durante os depoimentos dos adultos de rua em nossa pesquisa, percebemos que o interior da identidade de cada um está desarranjado e será compatível ao grau de decadência de sua aparência física e ao papel social por ele assumido:

“Eu não me conheço bem ainda não. Às vezes tento fazer alguma coisa, mas não consigo. Me considero uma pessoa fraca de opinião. Bebo muito pouco, lá de vez em quando” (J T G).

“Não tem como falar. Não entendo como sou eu. Vivo procurando objetivo. Mas só Deus mesmo. A gente na rua fica fraco da mente. Da depressão, tristeza, o cérebro muda” (M S S).

Todavia deve-se reiterar o conceito de identidade nesse momento, apartando-o do conceito de papel:

“Contudo, identidades são fontes mais importantes de significado do que de papéis, por causa do processo de auto construção e de individuação que envolve... pode-se dizer que identidades organizam significados enquanto papéis organizam funções. Defino *significado* como a identificação simbólica, por parte de um ator social, da finalidade da ação praticada por tal ator” (Castells, 1942, p. 24).

Fazer o caminho inverso, e sair do submundo da miséria, mundo de negação do ser e do estar humanos, observa-se ser uma tarefa impossível para o indivíduo de rua realizar sozinho e com ausência de motivação, estímulo e envolvimento de outrem. Sua auto-estima encontra-se esfacelada.

E Deus, que papel desempenha frente a essa população destituída de qualquer direito de viver com dignidade humana? Qual o papel desses indivíduos que sobre os quais recaem os reflexos de uma sociedade modernizada e intolerante (Baumann, 1999), em um espaço e tempo em que “as tradições religiosas perderam seu caráter de símbolos” (Berger, 1985, p. 163).

Para melhor compreensão do domínio que o sagrado exerce sobre o indivíduo e, concomitantemente em sua identidade, deve-se considerar o discurso de Otto (1985). De domínio exclusivo, o sagrado ou o numinoso é uma característica complexa de qualidade especial que se subtrai a tudo aquilo que é chamado de racional e inacessível à compreensão conceitual. É o elemento vivo de todas as religiões, constituindo parte mais íntima e, sem ele, a religião não seria religião. É um estado de espírito. “É de tal natureza que cativa e emudece a alma humana” (Otto, 1985, p. 28). É o que de mais íntimo e profundo há em uma emoção religiosa vivida, transcendendo ao amor e tal faculdade é de fácil percepção entre os pesquisados:

“(Risos). Penso um bucado de coisas. Para mim é infinito. Tudo é paz, bondade. Ele me deu o fôlego de vida. Resumindo, Deus é tudo” (M P C).

“Acredito em Deus, é o pai da humanidade, tem força suprema para administrar eu, você, tem força para criar e destruir. Colocou seu filho para nos salvar. Deus para mim significa o universo, a beleza do universo, uma coisa eu admiro muito, o céu, o mar, árvore, rosa, a humanidade. Acredito que só ele pode me dar a vida. Deus me deu conhecimento do mundo, ele me deu o privilégio de conversar com você, e você vê que eu não sou um ser apagado, louco, eu estou conversando com você. Sou humano. Deus é anjo de luz. Preciso de amor, carinho e não de chute de polícia. Mas eles não conseguirão me destruir. Tenho

uma força muito grande dentro de mim, que é Deus, se não eu estaria morto hoje. Hoje, chorei como criança” (A C S).

“É justo e fiel. Não tem nada igual. Podemos enganar a todos mas a Deus não engana. É o pai, é o infinito. Não há nada que eu possa comparar com Deus. Ele é como o vento, a gente sente mas não vê. É por isso que não tem acontecido coisas piores. Ou ele permite que as coisas aconteçam pra ver se eu reconheço que ele é Deus. Pra eu ver que eu estou esquecendo de mim e esquecendo Dele. À noite sempre falo: venci mais um dia e fico feliz quando estou sem beber, viro outra pessoa” (L M S).

No Brasil, bem como em toda a América Latina, conforme afirma Parker (1995, p,138), os grupos sociais têm um profundo sentido religioso, que se manifesta de forma “diferencial e complexa” (Parker, 1995). Sendo a figura divina “consistente e multiforme” (Parker, 1995), os crentes em Deus ou na força dos encantados, na América Latina oscilam em um patamar de 96% e 99%. Entre os entrevistados para este trabalho 100% crêem em Deus.

Segundo Otto (1985), o sentir Deus é como saber que existe na consciência um sentimento de realidade objetiva. Há diferença em crer na essência do sobrenatural e fazer disso uma experiência viva, sendo a divinização a faculdade hipotética de conhecer e reconhecer o sagrado no mundo dos fenômenos.

A fé latina, assim como a fé brasileira, “... é a transmissão de uma experiência vital, mais que a razão da vida, é a força que a sustenta” (Parker, 1995 , p. 139). Durante a pesquisa de campo, foi observada e confirmada a afirmação de Parker (1995):

“É tudo. Mais do que minha vida. Minha mãe não estava. Eu não estava. Ninguém estava” (T A C).

Muitos adultos de rua consideraram, em suas respostas nesta pesquisa, que a religião é importante. Em contrapartida, todos expressaram sentimentos em relação a Deus que revelam uma crença inquestionável:

“Tenho que resumir em uma palavra só? É pai, prosperidade, é mansidão. É amor. Não dá para definir Deus em palavras. Deus é tudo” (J T G).

Deus exerce papel importante para essas pessoas que estão nas ruas religando-os à identidade humana. Nesse momento, nada tem, enquanto valor interior de maior profundidade, além de sentir-se seus filhos.

Para a população adulta de rua a religião não “... preserva-a diante dos homens através dos valores que tem para estes...” (O’Dea, 1969, p. 24). A população adulta de rua, recorre a Deus em suas ânsias para justificar tanto sofrimento. Deverá retroceder e fazer o caminho inverso das ruas. Deus funciona como suporte para manutenção de sua identidade. Deus não é Deus de miséria, embora essa população esteja na miséria, , ela espera pacientemente por Ele. Sabe que, mesmo estando errada por afastar-se Dele e por isso paga o preço por tanto sofrimento Deus a espera com toda sua misericórdia, espera que saia dessa vida de penúria e passe a andar no caminho Dele.

O caminho inverso pode ser penoso para o homem de rua. A sociedade tem dificuldade em enxergá-lo como humano. Por ela permeiam discursos ideológicos que dificultarão o seu retorno à vida em sociedade como as idéias de que o indivíduo que está na rua não trabalha e quem não trabalha é preguiçoso, vagabundo. Bebe porque é um viciado, um fraco, sem vergonha. Esses, como tantos outros discursos ideológicos, reforçam a violência simbólica do mito na criação de identidade, de que o povo brasileiro é preguiçoso e, nesse caso em específico o adulto de rua, o pobre deserdado da sociedade. É nesse processo discriminatório de apartheid que a construção de realidade social da sociedade mais ampla cria e recria uma identidade coletiva para a população adulta de rua.

3.2 - Deus, Religião e a rua

Percebe-se que, entre a população adulta de rua, a questão religiosa está quase sempre presente. Às vezes aparece de forma difusa, embora eles dêem importância a ela. O trânsito religioso é fato comum entre eles. Deus, porém, para a maioria deles está acima de qualquer instituição. É Ele quem representa o suporte frente sua dor:

“Eu não sei. Sou confuso. Tem época que dou certo com uma, tem hora que com outra. Espírita, evangélico e católico. Antes eu falava mais em Deus, hoje nem isso eu falo. Acho que tem época que tenho interesse mas tem época que não. Estou interessado em ler livro de ‘André Luiz²²’. Li ‘Estação Carandiru’ na Casa de Eurípides e dava briga para ler” (P R S).

“É tudo, Deus. Deus para mim é tudo. Já pratiquei Cristianismo, Tabernáculo da Fé” (T A C T).

Não se pode perder de vista que a religião é intrinsecamente formulada e ligada a determinada forma cultural de criação de mundo, ela é uma variável em sua totalidade expressiva de ser. Variando entre um grau de formulação simbólica de complexidade extrema em determinada sociedade, e um grau de formulações simbólicas primitivas.

Os aparatos da religião em todos os povos são “rodeados por uma aura de profunda seriedade moral” (Geertz, 1989, p. 143). E o sagrado, em relação à sua devoção, está em posição de encorajar e exigir, induzindo à aceitação intelectual e reforçando o compromisso emocional.

Alguns dos entrevistados, durante a pesquisa de campo, procuram justificar o fato de estarem desviados de sua igreja, ou de não estarem praticando sua religião, bem como ao fato de descumprimento com o sagrado e quebra do compromisso

²² Mentor espiritual do médium kardecista Francisco Cândido Xavier.

interno de aceitação da seriedade moral induzida. Com isso ocorre a quebra de um dos fatores condicionantes de ligação ao elo que o manterá como freqüentador assíduo, conforme Geertz (1989). É o que se pode observar a partir da fala dos/as entrevistados/as:

“Eu, até mais novo, freqüentava protestante. Como diz o outro, comecei a freqüentar a prostituição e parei de freqüentar. Quando era mais novo, era caseiro, jogava futebol. Não tenho nenhuma prática [religiosa]” (N F V).

O indivíduo que está nas ruas, mesmo ninguém imaginando, leva Deus como suporte. Muitos deles reforçam suas crenças e compromissos com o sagrado em orações, rezas, visitas a igrejas e instituições de fé, como que para realimentar-se das forças sagradas, justificadoras e fornecedoras de sentido à vida que levam:

“Olha, qual religião, a Evangélica ou a Católica? A Católica é muito boa. É a primeira das religiões, de todo o Brasil. Os Evangélicos sempre ajudam. Faço minhas orações, às vezes assisto à missa, tanto de uma como da outra” (R B V).

“Acredito em Deus. Vou à Igreja Matriz de Campinas. Por causa dele é que sou vivo até hoje. Sou livre, não tenho filho, não tenho esposa. Preciso de um espaço para viver com estabilidade” (A C S).

A relação entre os valores de identidade cultural de uma sociedade e religião, implica em um estado de coisas reais que a visão de mundo descreve e aceita emocionalmente. O indivíduo ao organizar sua conduta, organiza sua interpretação de mundo adequando-a a construção de sua identidade, fornecendo-lhe sentido e significado à vida:

“O que quer que a religião possa ser além disso, ela é, em parte, uma tentativa ... de conservar a provisão de significados gerais em termos dos quais cada indivíduo interpreta sua experiência e organiza sua conduta” (Geertz, 1989, p. 144).

No submundo da miséria a população adulta de rua reorganiza sua conduta frente ao sagrado, reinterpretando seus valores antes instituídos mentalmente ao discursarem o que pensam de religião:

“Tudo é uma coisa só. Religião não salva ninguém. O que salva é o coração puro com Deus. Oh! Meu Deus, será que vou dormir na rua de novo? Tô com febre. Sabe? Estão matando as pessoas queimadas na rua. Ou eles pegam pedra grande e esmagam a cabeça” (F V N).

“Importante na vida. Eu mesmo estou sempre com a Bíblia no bolso. Lendo salmos e provérbios. Mas não frequento. Só de andar com a Bíblia você já está temendo ao Senhor” (E J).

O indivíduo, ao organizar sua conduta, organiza sua interpretação de mundo adequando-a à construção de sua identidade, fornecendo sentido e significado à vida.

A religião demarca sua presença no território da construção de mundo do indivíduo que vive em coletividade. Parte dos elementos que constituem a religião no mundo visível é parte do *ethos* que se mostra inconscientemente constituído durante a construção bergueriana (1985) de mundo. A isso somam-se a memória histórica individual e a da coletividade.

Em nossa pesquisa, as entrevistadas Jovenília Ribeiro Leão Ogawa e Nilza Pires do Nascimento Arraes²³, que desenvolvem trabalho há nove anos com a População Adulta de Rua, relataram que, para estes (em um percentual de 100%), Deus está presente, fato também constatado em nossa pesquisa.

“Deus é tudo. Sempre procuro Deus. Quando tô internado, faço orações, mas não sô praticante” (N R P).

“Deus é muita coisa para nós, né? Tenho ele no coração para sempre Tenho bastante fé nele’ (J R).

²³ Assíduas trabalhadoras de um Centro Espírita Kardecista, por denominação Comunhão Espírita São Francisco de Assis, em entrevista realizada em Goiânia, dia 26 de março/2002.

Segundo as entrevistadas, Jovenília e Nilza, os adultos de rua justificam sua permanência na rua “como passageira, e que precisavam passar por isso”. Manifestam a idéia de que “estão nas ruas como que pagando por algo feito por eles, alguma dívida pendente, anterior, e que após este tempo, essa expiação, virá sua redenção” (Jovenília). Poderá ser observado em ANEXO J, fotografias de adultos de rua, à noite, durante a entrega de alimentos pelo grupo espírita "Comunhão Espírita São Francisco de Assis".

De acordo com as entrevistadas, freqüentemente elas se deparam com os que se autodenominam crentes ou evangélicos “muitos trazem consigo Bíblias e chegam a pregar a palavra” (Nilza). Em seguida vêm os que se dizem católicos, presenças também marcantes entre eles. O Kardecismo, embora apareça em um percentual bem menor, está presente, inclusive há casos de empréstimos de livros da Doutrina Kardecista entre as pessoas que compõem a população adulta de rua.

Ao serem indagadas se perceberam traços da Religião afro-brasileira entre população adulta de rua, responderam:

“Apesar de que o espiritismo para eles é tudo misturado, né? Eles não sabem definir. Igual aquela, aquela senhora que apanhou do marido dela, que estava toda machucada: ‘ah, eu sô espírita!’ Mas assim, a gente vê que o espiritismo dela não é Kardecista, mas ela fala que é, mas tem algumas coisas que ela fala ..., anda com aquele colarção..., que você vê que ela é, a gente não sabe bem exatamente, mas eu acho que é bem misturado Umbanda, né? Mas para eles tudo é espírita... mas se dizem espíritas Kardecistas” (Nilza Arraes)

O aspecto religioso “bem misturado” deverá ser observado sob o prisma de características de mistura de elementos culturais religiosos distintos, considerando a diversidade peculiar originária da população de rua existente em Goiânia. Haja vista que, dentre essa população encontram-se indivíduos oriundos de vários Estados da União, com identidade de matriz cultural diversa.

“Nos ritos do culto, a sociedade se reafirma numa expressão simbólica de suas atitudes e, pelo fortalecimento de atitudes aceitas em comum, fortalece a sociedade. Nas palavras de Durkheim, ‘... os ritos são, antes de mais nada, meios pelos quais o grupo social periodicamente se reafirma” (O’Dea, 1969, p. 24).

Seguem relatos que sugerem uma ponta de preconceito e mesmo tabu entre os adultos de rua entrevistados, no que se refere à religião afro-brasileira, o que foi verificado durante nossa pesquisa de campo em alguns momentos, ao responderem o que pensam da religião:

“Tem umas que são boas, né? Tem umas que a gente não pode se envolver, como a espírita. Não tenho nada contra a religião católica. No coração não. Religião não salva ninguém. Quem salva é Jesus” (M P C F).

“Eu sou Católico. Só que não tenho preconceito com nenhuma outra. Respeito o Candomblé, mas sou Católico. De vez em quando entro numa igreja, mas a Católica mesmo” (A).

Outra característica verificada nas ruas de Goiânia é o trânsito religioso entre os adultos de rua. Quanto aos simpatizantes do Kardecismo, não foi observado sinal que inferisse preconceito ou tabu ao se reportar à religião ao serem questionados:

“Ótimo. Boa coisa. Todos devem ter, seja qual for o caso. Toda vida fui católico. Esses dias estou lendo os livros de Alan Kardec. Conheci uma pessoa que é espírita e me falou muitas coisas boas que eu fiquei admirado” (L).

“Ajuda. Gosto de ir no Centro Espírita. Você conhece o Chico Xavier?” (M R N)

Ao analisar a diversidade cultural do mundo, buscamos compreendê-la sob os conceitos de O’Dea (1969), que retrata de forma clara e sucinta certos questionamentos dentre essa diversidade de crenças religiosas.

“Em outras palavras, os homens exigem respostas referentes ao destino humano, às exigências de moralidade e disciplina, aos males de injustiça, sofrimento e morte. A partir de um estudo comparativo de religiões do mundo, mostrou-se que existem várias direções em que os homens podem buscar e encontrar respostas para tais perguntas” (O’Dea, 1969, p. 22).

Dentre os entrevistados nessa pesquisa, um revelou-se budista, embora atualmente esteja afastado e faz uma breve crítica ao catolicismo:

“A princípio, religião é importante, muito bacana. Não sou cristão. Sou budista. Era pra ter alto grau, mas não sou praticante ultimamente. Lá tem três coisas: fé, prática e estudo. Não adianta o padre falar, rezar, se você não está nem entendendo a reza” (A C F).

Outra entrevista foi dirigida à Assistente Social Rita de Kássia, no dia 25 de março de 2002. Coordenadora da Casa Ser Cidadão, recentemente criada (2001) pelo Município de Goiânia, ela desenvolve um trabalho com especificidade na atenção, atendimento e encaminhamento à população adulta de rua. Seguem fotografias de pessoas que fazem parte dessa população junto à Casa Ser Cidadão. (Anexo L). A Assistente Social relata que, ao entrevistá-los evita questioná-los quanto à Religião, na tentativa de manter-se neutra e não induzi-los ideologicamente. Essa reação pode ser analisada por Berger (1 985):

“Não é difícil ver que essa segregação da religião no âmbito da esfera privada é bastante ‘funcional’ para a manutenção da ordem altamente racionalizada das instituições econômicas e políticas modernas” (Berger, 1985, p. 145).

A coordenadora, mesmo sem aplicar questionários à população adulta de rua, relata ter observado, dentre a maioria, a presença de crentes ou evangélicos, seguida pelos católicos. Informou que há adeptos do kardecismo, mesmo em menor escala e que conhece apenas um caso de um adepto, baiano, fervoroso do Candomblé, adulto de rua.

Durante sua fala, a Assistente Social discorre que, entre a população adulta de rua católica, há casos entre os que são encaminhados às Casas de Recuperação evangélicas, onde ocorreu a conversão à Igreja Evangélica. Há porém casos de

desistência e até fuga devido a não adaptabilidade às características da Casa e aos valores religiosos presentes.

Atribui-se que essa não adaptabilidade a certas Casas deve-se aos valores religiosos anteriormente incorporados e inerentes à identidade dos indivíduos que foram encaminhados. Os valores, segundo Rocher (1998), enquanto ideais, têm necessidade de ser afirmados cotidianamente, através de condutas observadas. Os modelos tornam-se expressões simbólicas de valores. A conformidade exterior da conduta aos modelos simboliza a adesão interior a uma ordem de valores, que é o símbolo. Ressalta-se também, como um dos fatores inerentes quanto à desistência de “recuperação”, a dificuldade encontrada pelos dependentes químicos em abster-se do uso do álcool e/ou de outras drogas.

3.3 - O universo simbólico e o sagrado nas ruas

Ainda analisando o símbolo, segundo o pensamento de Rocher (1998), defini-lo seria o mesmo que pensar qualquer coisa que toma o lugar de outra coisa, ou que substitui e evoca uma outra coisa. O simbolismo confere o poder ao indivíduo, sobre o mundo. Tem as funções de servir de transmissor de mensagens entre as pessoas e de favorecer o sentimento de pertença a determinados grupos ou coletividades.

“Considerado como construção cognoscitiva, o universo simbólico é teórico. Tem origem em processos de reflexão subjetiva, os quais, depois da objetivação social, conduzem ao estabelecimento de ligações explícitas entre os temas significativos que têm suas raízes nas várias instituições” (Berger e Luckmann, 1985, p. 142).

Portanto é, para o adulto de rua, difícil desfazer-se de todos os valores concebidos durante sua conformação de ser, enquanto ser, e despir-se dos modelos

simbólicos que lhe foram conferidos anteriormente quando em seu grupo ou coletividade, durante sua socialização primária (Berger e Luckmann, 1985).

Foi observado durante as entrevistas a diversidade de identidade religiosa cultural entre a população adulta de rua em Goiânia. Aspecto já observado anteriormente durante atendimento despendido a eles no HUGO - Hospital de Urgências de Goiânia - durante os últimos nove anos. É visto que o resultado das entrevistas reforça a verificação anterior de que Deus sempre está presente entre eles, mesmo que de variadas formas, na construção da identidade cultural e representação social de cada indivíduo de rua. Podendo ser observado durante suas respostas quando reportam-se a Ele:

“É tudo na vida do ser humano. É o Espírito Santo, é Jesus” (A A O S).

“Depende do como você entende Deus. Para mim é soberano. Você não está falando de Jesus Cristo, não né? É Deus. Super importante na vida de todo mundo. Devemos seguir, e sempre agradecer e nunca pedir” (A C F).

Dentre a população adulta de rua e seus elementos culturais religiosos em sua diversidade, até hoje não se tem conhecimento de uma organização para celebração de rituais ou festas que representassem essa diversidade de crenças entre ela. Há, porém, os que costumam ir a Centros Espíritas, Igrejas Católicas ou Evangélicas e participam de celebrações ou rituais. Às vezes não se satisfazem e se sentem excluídos por não haver identificação com o simbólico. As normas, valores e exigências socioeconômicas dessas instituições tornam-se barreiras intransponíveis:

“A religião é boa. Hoje em dia os políticos tão dominando e na própria Igreja de crente somos excluídos. Eles dão dinheiro para Igreja e não pensam em ajudar ninguém. A religião virou comércio. Peço um prato de comida. De cem, dez dá. Pensam que somos

vagabundos, que dormimos a noite toda, mas não é assim. Alguns que tã na rua sã vagabundos mesmo. Matam e fogem. Mas nã sã todos. Sã gente do mesmo jeito. Nã é lixo. Em Brasília, soltaram quatrocentas pessoas do presídio para viver nas ruas. Vou na Assembléia de Deus, Católica. Gosto de ouvir o culto de crente, mas eles viraram comércio” (M S S).

“A gente tem que buscar e alguém tem que ajudar. Os ricos tã cercando Deus e nã dá [espaço] pra gente” (M SS) .

As características mentais de construção de mundo religioso fazem parte de cada indivíduo, mas na rua nã há o espaço para o coletivo. O espaço sagrado criado por eles ou entre eles, embora já tenha sido levado até eles, em celebrações eucarísticas da Igreja Católica, iniciativa da Pastoral dos Migrantes e cultos evangélicos, como a história do casamento em praça pública - Praça do Trabalhador - entre um casal de ex-adultos de rua, que pode ser conferido em anexo M.

O espaço sagrado, por nã fazer parte de seu mundo dos adultos de rua, movidos pelo instinto religioso, crença, fé e devoção em Deus o buscam por vezes na instituição religiosa. O intuito parece o de reviver no seu interior os aspectos do sagrado. É comum ouvir das pessoas que estã nas ruas a importância de crer em algo e mesmo a importância de se ter alguma religião, embora demonstrem nã criar laços duradouros com nenhuma:

“É necessário. A gente tem que ter alguma religião. Tem que crer em alguma coisa, né? Eu vou sempre lá no Lar de Jesus, Espírita. [Setor Bueno]” (S C S).

“Acho boa. A palavra de Deus é boa. Frequentava Casa de Recuperação Metamorfose²⁴, lá rezava três vezes ao dia. Antes de ontem entrei em uma Igreja. É a intuição que me fez entrar. Sair do ruim e entrar no bom” (C N R) .

²⁴ Casa de Recuperação Metamorfose – Casa evangélica coordenada pela Pastora Sônia, que já viveu muitos anos na rua. Hoje se dedica a receber e a recuperar dependentes químicos que fazem parte da população adulta de rua de Goiânia.

Sair do ruim - profano - entrar no bom - sagrado - é analisado em Eliade (1992) ao afirmar que o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no mundo. O sagrado se manifesta na hierofania, que é a revelação de uma realidade que não faz parte do mundo natural, profano.

Há uma busca constante no homem religioso das sociedades arcaicas em manter-se em um universo sagrado. E, nesta busca, em permanecer nesta atmosfera sagrada, o homem religioso define que o espaço não é homogêneo e, para distinguir o local sagrado do profano, ocorre a teofania, que é a consagração de um determinado local que organiza e estabelece a ordem cósmica (cosmogonia). No local sagrado o mundo profano é transcendido (Eliade, 1992).

O sistema de mundo das sociedades tradicionais constitui a socialização de um tempo e espaço sagrados no qual há comunicação entre a terra e o céu. Essa terra, por sua vez, torna-se santa pois está mais próxima ao céu. Seria este local o centro do mundo (Eliade, 1992).

O homem, na ânsia de viver mais tempo em uma atmosfera sagrada, organiza sua vida o mais perto possível do centro do mundo, organizando sua vida neste contexto de mundo (cosmos) mais organizado (Eliade, 1992).

3.4 - Religião, anomia e identidade

O indivíduo, ao atingir o patamar de pobreza absoluta, chega ao estado anômico e vive no caos (Durkheim, 1989). Neste ponto, despe-se da identidade originária, distanciando-se de suas raízes, que outrora outorgaram-lhe seu *ethos*, constituído ao nascer, crescer e interiorizar valores transmitidos pela família e pelo grupo social pertencente (Dussel, 1997). Esse fator compulsório lhe estabelecerá o

mais recente papel social, o de população adulta de rua, compondo uma categoria de análise. A população adulta de rua vive em estado de anomia, sem coesão social, e vive no caos (Durkheim,1989) embora o discurso do adulto de rua, sempre, ao se reportar a Deus reapropria, nesse momento, dessa realidade mais íntima por ele criada:

“Deus deve ficar triste comigo. Ele deve falar assim: Eu não o fiz para sofrer e está assim. Deve pagar o preço. Mas eu ando sofrendo muito, acho que estou pegando um desconto,hoje já não brigo mais. Não sou mais de briga” (L).

A trajetória que distancia o indivíduo de rua da sociedade coesa, distancia-o do mundo da divindade, pois divindade, para Durkheim (1989), são os valores e normas presentes na consciência coletiva da sociedade.

“Em razão da barreira que separa o sagrado do profano, com efeito, o homem não pode entrar em relações íntimas com as coisas sagradas senão com a condição de se despojar do que há de profano nele” (Durkheim,1989, p. 374).

Essa barreira é transparente no discurso do adulto de rua nessa pesquisa:

“Tenho certeza que ele se entristece. Vendo a vida que eu levava, vendo a minha falta de opinião, não só comigo, mas com todas a pessoas que andam no caminho do pecado. Pecado para mim é primeiro afastar de Deus, agora traduzindo: álcool, prostituição, droga” (J T G).

Os adultos de rua estão aquém de qualquer lógica religiosa ordenada, estão aquém do aspecto que salienta essa lógica que é o ritual ou a liturgia, dificultando a sua compreensão da relação com Deus, porém sem perder a crença nele:

“Além disso, ao mostrar as normas e regras da sociedade como parte de uma ordem ética e mais ampla e supra-empírica, ordenada e santificada pela prática crença religiosa, a religião contribui para a imposição de tais regras quando a sua aceitação contraria os desejos ou interesses dos atingidos” (O’Dea, 1969, p. 16).

Fadado ao isolamento familiar e social, perde a noção de dignidade, de auto-estima, de cidadania, perde-se também no referencial humano, sem documentos (normalmente), saúde ou qualquer símbolo que estabeleça ligação com a dignidade de ser humano, em uma total incerteza contingencial. É o que se pode observar a partir da análise de O'Dea (1969):

“Em primeiro lugar, o homem vive em condições de incerteza; acontecimentos de significação crucial para sua segurança e seu bem-estar estão além de sua previsão. Em outras palavras, a existência humana se caracteriza pela *contingência*. Em segundo lugar, a capacidade humana para controlar e modificar as condições de sua vida, embora crescente, é intrinsecamente limitada. Em certo ponto, a condição do homem com relação ao conflito entre seus desejos e seu ambiente se caracteriza por *impotência*. Em terceiro lugar, os homens precisam viver em sociedade e uma sociedade é uma distribuição ordenada de funções, recursos supremos” (O'Dea, 1969, p. 13-4).

Vivendo sem ordenação de funções, sem recursos ou prêmios, transgredindo regras, normas e valores da sociedade, o indivíduo de rua, enfraquecido, com sentimento de culpa, sem qualquer referencial, em um ambiente que se caracteriza pela impotência e, como assinala Durkheim (1989)

“O culpado sente-se invadir por uma força que o domina e contra a qual é impotente. Ele comeu da carne do animal totêmico? Ele o sente penetrar em si e roer-lhe as entranhas; deita-se, então, por terra e espera a morte” (Durkheim, 1989, p. 387).

Nem sempre será tão fácil, ao ser humano que vive em condições de extrema miséria, despojar-se do mundo profano em que vive para entrar no mundo sagrado. Quando questionado sobre o que pensa Deus sobre sua vida de miséria nas ruas, por ter Dele se afastado bem como dos princípios divinos, respondem:

“No sei te explicar. Deus falou sobre as escrituras faz sua parte que a minha ajudarei. Acho que ele não acha bom nada” (E R J).

“Meu guardião. Minha esperança. Preciso fazer a vontade dele. E o pior é que não tô fazendo. Tô fazendo a vontade da carne. Dos vícios” (T A C T).

É como um ser a quem só resta o corpo oprimido e esse, comunicando-se apenas pela imagem que emite e o odor que exala revestido por andrajos fétidos. “A imagem é uma concepção mental que, superposta ao ser físico, reduz a existência corporal a um papel secundário” (Ribeiro, 1998, p.24).

Estão expostos a toda sorte de violência. Estão à mercê das doenças e agressões físicas. Sua aparência assusta, repugna e desperta temor na sociedade. “Se a imagem é perigosa em nível social, onde sua função é admitida abertamente, seus efeitos são desastrosos nas relações pessoais, onde sua função é insidiosa” (Ribeiro,1998, p. 24).

Nos esforços para a sobrevivência, a população adulta de rua luta de toda maneira para criar mecanismos psíquicos de adaptação à miserabilidade. Um destes mecanismos, senão o mais presente é a re-elaboração da sua identidade reificadora do papel de miserável e a insistente permanência na crença em Deus, único elo que o liga enquanto identidade humana. Do que era ao que é.

3.5 - A secularização como característica religiosa da população adulta de rua

Devemos conceituar o que seria modernidade e por que optamos por trabalhar com esse conceito e não com o de pós-modernidade. Tomamos como ponto da questão que a pós-modernidade permeia ainda hoje em círculos de debates acadêmicos para que possa ser conceituada. Compreendemos, portanto, que estamos a caminho para o pós-moderno. Porém vivemos as conseqüências da modernidade.

“... não basta meramente inventar novos termos, como pós-modernidade e o resto. Ao invés disso, temos que olhar novamente para a natureza da própria modernidade a qual, por certas razões bem específicas tem sido insuficientemente abrangidas, até agora, pelas ciências sociais. Em vez de estarmos entrando num período de pós-modernidade, estamos alcançando um período em que as conseqüências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes” (Giddens, 1991 , p. 12-3).

Mas o que seria mesmo a modernidade? Novos valores culturais se formam. Não existe mais a grande verdade, existem muitas verdades, as igrejas reagem a esses novos valores e criticam as ciências modernas, que formulam as hipóteses para nova compreensão da realidade. Essa mesma ciência, não dependendo do discurso eclesiástico, e desconsidera os prejuízos da modernidade (Baumann, 1999).

Prosseguindo o pensamento e retomando o objeto dessa pesquisa, consideramos que ao acréscimo populacional de pessoas vivendo aquém da marginalidade, neste caso específico a população adulta de rua, é um dos reflexos da modernidade. Não só pela ruptura de sua tradição sócio-cultural, como na ânsia da busca insensata do eldorado utópico e

“Como observou Walter Benjamin, a tormenta impele os caminhantes de forma irresistível para o futuro ao qual dão as costas, enquanto a pilha de detritos diante deles cresce até os céus. ‘A essa tormenta chamamos progresso’. Num exame mais detido, a esperança de chegada revela-se uma ânsia de escapar (Baumann, 1999, p. 18)”.

Poderíamos, nesse momento, tecer vastas considerações que imputassem à modernidade toda responsabilidade pela miséria. Porém tal reflexão nos conduz a uma única questão a ser formulada: até quando a humanidade caminhará por esse rumo e o que poderia ser feito para alterar o curso de forma mais sensata?

Na tentativa de compreender um pouco mais a modernidade e as pessoas em situação de miséria nesse contexto sócio-cultural, é que buscamos na secularização, alguns dados importantes que elucidassem esse caminhar.

Torna-se relevante estar atento ao aspecto no qual está inserida a totalidade da vida cultural da população adulta de rua e sobre ela incidindo o processo de secularização, momento em que a religião perde sua autoridade, tanto em nível institucional, como no nível de consciência humana (Martelli, 1995). Essa afirmação coincide com o pensamento de Berger (1985) ao afirmar que:

“Por secularização entendemos o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos. Quando falamos sobre a história ocidental moderna, a secularização manifesta-se na retirada das igrejas cristãs, que antes estavam sob seu controle e influência: separação da Igreja do Estado, expropriação das terras da Igreja, ou emancipação da educação do poder eclesiástico, por exemplo” (Berger, 1985, p. 119).

Verifica-se na sociedade brasileira moderna, bem como em toda a população adulta de rua nela contida, hoje afetada na totalidade de sua vida cultural pela secularização. “Quando falamos em cultura e símbolos, todavia afirmamos implicitamente que a secularização é mais que um processo sócio-estrutural” (Berger, 1985, p. 119).

Martelli (1995) diz ser ingênua a análise que retrata a racionalização da vida social como fator inerente do retraimento da religião, vista como irracional e tradicional. Ressalta que nos encontramos em fase de “crise cíclica” e que há um enfraquecimento entre religião e racionalização, postas em questão. Afinal como considerar a religião hoje?

“A religião deve ser considerada como recurso cultural, cujos símbolos estão em grau de interpretação a nova realidade percebida pelos atores sem que o uso da linguagem e dos símbolos deva necessariamente passar através das modalidades estabelecidas pelas religiões institucionais. Para Beckford, a perda de importância das comunidades tradicionais não resulta na insignificância dos símbolos religiosos, como haviam sustentado os expoentes da secularização, mas apenas no enfraquecimento das ligações entre as instituições eclesiais e os próprios símbolos”. (Martelli, 1995, p. 17).

Pensar em secularização, torna relevante trazer até este trabalho, considerações mesmo em breve comentário de seus significados e a construção dos quatro eixos e tendências a seu respeito analisado por Martelli (1995): primeiro, a secularização vista como fenômeno positivo, partindo da concepção de que a religião se opõe à liberdade do ser humano. O segundo eixo de análise, a secularização é vista como fenômeno negativo àqueles que consideram a religião a salvação do homem. Agora com o significado de dessacralização ou descristianização. O terceiro momento é a secularização vista como fenômeno irreversível e purificador da fé cristã. A quarta e última posição é a questão da reversibilidade da secularização (Martelli, 1995). Ainda, diz Martelli (1995), que:

“Aquaviva não exclui a eventualidade de uma reversibilidade da situação atual. Se a crise do sagrado está conexas com uma guinada de época, existe no entanto, sempre a possibilidade, no futuro, de uma ulterior mudança, em sentido favorável a uma renovada experiência religiosa: ‘decai o sagrado na vida social, porém, permanece seu arquétipo na mente humana, pronto para introduzir o sentido do sagrado no consciente, logo que as condições lhe sejam favoráveis” (Martelli, 1995, p. 285).

Berger (1985,) ainda, em sua análise acerca da secularização, diz que há nesse processo um lado subjetivo e há uma secularização da consciência. “O Ocidente moderno tem produzido um número crescente de indivíduos que encaram suas próprias vidas sem o recurso às interpretações religiosas” (Berger, 1985, p. 119). Os entrevistados dessa pesquisa reportam-se à religião institucional sem ânimo ao falarem de sua prática religiosa:

“Tô seguindo uma igreja aí. A Pentecostal Deus é Amor” (R L).

“Razoável. Vou a igreja de crente de vez em quando” (A FC).

“É bom, né? Para falar a verdade, tem uns 6 anos que não vou à Igreja. Sou Católico” (J R).

O indivíduo de rua nasceu e criou-se em algum local, provavelmente com sua família originária. Família, aqui como instrumento multiplicador no qual ocorre a transmissão do patrimônio cultural e os condicionamentos de expressão ou inibição de emoções dos indivíduos. Porém,

“Como a família moderna é uma instituição notoriamente frágil (característica que ela compartilha com outras formações da esfera privada), isso significa que a religião, que se apóia nesse tipo de estrutura de plausibilidade, é necessariamente uma construção débil” (Berger, 1985, p. 146).

É na família que a religião e seus sistemas de crenças, práticas e sua organização ganham seus primeiros contornos. São valores apreendidos durante a socialização primária de cada indivíduo (Berger e Luckmann, 1985):

“... a socialização primária implica mais do que o aprendizado puramente cognoscitivo. Ocorre em circunstâncias carregadas em alto grau de emoção. De fato, há boas razões para se acreditar que sem esta ligação emocional com os outros significativos o processo de aprendizado seria difícil, quando não de todo impossível...” (Berger e Luckmann, 1985, p. 173).

Quanto ao caráter secular presente no mundo das pessoas que estão nas ruas, verifica-se nesse fenômeno que os aspectos do perfil da população adulta de rua de Goiânia, citados no capítulo 1, assemelharam-se aos aspectos verificados em Berger (1985), quanto à incidência do impacto da secularização e suas tendências. Mesmo a secularização sendo vista como fenômeno global nas cidades modernas, e sua distribuição pouco uniforme:

“Assim descobriu-se que o impacto da secularização tende a ser mais forte nos homens do que nas mulheres, em pessoas de meia idade ou nas muito jovens ou idosas, nas cidades do que no campo...” (Berger, 1985, p. 120).

O caráter secular presente nas ruas, coincide com a reflexão dos autores supra citados, uma vez que encontramos a unidade solidificada e reconhecida da fé inabalável em Deus que, permeia a esfera de significados simbólicos entre a população adulta de rua. O conteúdo dessa fé, vislumbra a capacidade autônoma

na manutenção e preservação da identidade dessas pessoas que, embora não mantenham um comportamento religioso adequado às normas e valores institucionais por excelência, preservam-na (a fé) além da circunscrição institucional à sua crença transcendental em Deus, que os mantém vivos.

“... a fé traz para o individuo tranqüilidade nas adversidades, confiança no futuro, capacidade de substituir os valores que se revelam caducos. A analogia existe entre atitudes semelhantes - a confiança em si mesmo, a fé nos outros e a fé em Deus - permite que o simbolismo religioso adquira precisas funções sociais no plano individual, tais como a segurança e a adaptação emotiva” (Martelli, 1995, p. 248).

Portanto, nesta pesquisa ficou evidente certo distanciamento da população adulta de rua das religiões institucionais, mas Deus é marcadamente presença viva em suas vidas, independendo da religião.

CONCLUSÃO

O presente trabalho abordou uma problemática apresentada na sociedade, que aos olhos vistos vem crescendo quantitativamente: população adulta de rua, em Goiânia.

Essa população encontra-se nas ruas, em abrigos improvisados: becos, mocós (esconderijo), embaixo das pontes, viadutos, praças, calçadas, rodoviárias. Estão por toda parte. Por todo lado. Alguns, primando pela privacidade, temerosos, esquivam-se, esgueirando-se de olhares curiosos. Outros já em estágio de deplorável degradação humana e pelos maus tratos da perversa experiência de sobreviver nas ruas, não fazem questão de se esconder, não se importam de expor-se aos demais. Buscam no lixo as sobras entre cestos de dejetos que os alimentará. Corpos fétidos, seus cabelos e barbas geralmente longos, servem de abrigos a piolhos e sujeira, sem cor definida. Suas vestes são andrajos esfarrapados. Os olhos luscos, sem vida, sem esperança, fixam o nada.

Este é o quadro representativo da população adulta de rua de Goiânia, que em pleno século XXI, em nome da modernidade capitalista expulsou os indivíduos de suas raízes e, hoje, os acolhe sob o rótulo de filhos da miséria absoluta, herdeiros do capitalismo.

São em sua maioria pessoas simples que ansiavam por melhores condições de vida. Fracassada e excluída pelo poderio econômico, essa considerável parcela da

população tem sido exterminada lentamente do convívio sócio-familiar em nome de um modelo econômico falido e arcaico, promotor da própria miséria humana.

Assim como em outras grandes metrópoles brasileiras, o município de Goiânia depara-se com o despreparo de sua política de assistência social. Um dos motivos que primeiro nortearam esta pesquisa, foi ao observar que essas pessoas, após serem atendidas no HUGO, eram novamente encaminhadas às ruas, perpetuando assim, a miséria humana.

Surgiu destas observações uma pergunta fundamental: onde está sua identidade? O que o mantém ligado à raça humana?

A partir desse enfoque de questionamento, a pesquisa girou em torno da tentativa de verificar se Deus se faz presente na vida dessas pessoas que vivem à mercê e nos interstícios da sociedade. Seria Deus também uma presença viva para eles? Se Deus se faz presente em sua vida, se ele crê em Sua existência, se é para ele realidade viva, qual a função que Deus desempenha na vida dessas pessoas? E a desestruturação familiar, desempenha papel fundamental impulsionando-os às ruas?

Através das análises da teoria de Berger (1985) em relação à construção de mundo, pode-se perceber que Deus é uma presença forte repassada às pessoas na mais tenra idade, fato verificado na pesquisa de campo, comprovando que mesmo em situação de miséria absoluta, Deus é o sustentáculo para a manutenção de sua condição de ser humano.

Martelli (1995) aponta que a fé permeia os significados simbólicos dando ao indivíduo "...tranquilidade nas adversidades, confiança no futuro..." (Martelli, 1995, p. 248), isso significa que é a fé em Deus a mantenedora da identidade do adulto de rua, fato constatado através das respostas dos entrevistados, ao dizerem que "Deus

é tudo, é o próprio ar que respira” (L M S) e representa a possibilidade de sentir a esperança de um dia sair das ruas.

A mesma crença e fé em Deus observada na pesquisa de campo com a população adulta de rua corresponde ao que Parker (1995) discorre a respeito da crença em Deus das pessoas na América Latina, e isto é um traço que os identifica entre a identidade cultural do adulto de rua e essa sociedade mais ampla.

O desajuste familiar é um dos pontos verificados como fator desencadeador da ida do indivíduo para as ruas. Foi verificado durante a pesquisa de campo que um dos motivos propiciadores da desestruturação da identidade do sujeito é o rompimento com os laços familiares. Nas respostas, surgiam sempre como elemento da ida para as ruas, a separação dos pais, a morte da mãe, a briga com a mãe, segundo casamento da mãe, separação da esposa, a miséria familiar, a dependência química (álcool e drogas), vontade de aventurar-se e conhecer o país.

A secularização (Berger, 1985) é um aspecto presente para a população adulta de rua no que diz ao afastamento relativo da religião institucional (Martelli, 1995), pois o adulto de rua entra na igreja Católica e na Evangélica sem filiar-se, necessariamente, em uma ou em outra. Embora considerem a religião importante, referem-se sempre a Deus como sendo o fator principal de suas vidas, e nem sempre o relacionam a determinada religião.

O tema desta pesquisa vislumbra a realidade da sociedade moderna que faz parte do cenário da cidade de Goiânia, retratando a miséria humana de forma tão banalizada. Esta pesquisa teve como intenção, repensar a dignidade do ser humano que subjaz numa aparência que amedronta ou até mesmo culturalmente enoja àqueles que ao passar de carro ou a pé, negam-lhe a visibilidade, como se ali, a seu

olhos, não houvesse um ser humano, e sim um monte de entulhos destituídos de sentimentos, sonhos, desejos, medos, angústias, alegrias e tristezas.

Por traz dessa aparência, há um ser humano que se sente filho de Deus. Esta crença o mantém vivo proporcionando-lhe, a esperança de continuar vivo.

Bibliografia

ALVES, Rubem. *O que é religião?* São Paulo: Loyola, 1999.

BAIOCCCHI, Elisa Crispim Paulino e GOMES, Valquíria Alves. *Ser de novo: reencontro da identidade na reconstrução da cidadania - a prática do serviço social no Hospital de Urgências de Goiânia*. In: Anais do IX Congresso Brasileiro de Assistência Social. Goiânia, 1998.

BAIOCCCHI, Mari de Nasaré . *Ensaio 97. Negros do cedro*. São Paulo: Ática, 1983.

_____. *Kalunga. Povo da terra*. Brasília: ministério da Justiça de Estado dos Direitos Humanos, 1999.

BAUMANN, Zygmunt. *Modernidade a ambivalência*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. *O mal-estar da pós modernidade*. Trad. Mauro Gama e Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BÉJIN, André (orgs). *Sexualidades ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado*. Petrópolis : Vozes, 1985.

_____. *Rumor de anjos*. 2.ed.Petrópolis: Vozes, 1997.

BERGER, Peter, LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOFF, Leonardo. *Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas*. Campinas: Verus, 2002.

BUARQUE, Cristóvão. *O que é apartação: o apartheid social no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CASTIÑEIRA, Angel. *A experiência de Deus na pós-modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1997.

CASTELS, Manuel. *O poder da identidade*. Trad. Klauss Brandão Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999, vol 2, 2ª ed.

CEAS - I Seminário Nacional sobre população de rua. Org. Igreja Metodista do Brasil - 3ª região. São Paulo: 1992.

CIAMPA, Antonio da Costa (org.) *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1997.

DEMO, Pedro. *Charme da exclusão social*. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

_____. *Política social do conhecimento: sobre futuros do combate à pobreza*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro. MEC - Fundação de Assistência ao Estudante, 1986

D'INCAO, Maria Ângela (org.) *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989.

DOWBOR, Ladislau (org.) *Desafios da globalização*. Petrópolis: Vozes, 1998.

DURHAM, Eunice Ribeiro. *A caminho da cidade*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1984.

DURKHEIM, Emile. *Formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico da Austrália*. Tradução.: Joachim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1989.

DUSSEL, Enrique. *Oito ensaios sobre cultura latina-americana*. Tradução. Sandra T. Valenzuela. São Paulo: Paulinas, 1997.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Livros do Brasil, 1992.

ERICKSON, Victoria Lee. *Onde o silêncio fala: feminismo, teoria social e religião*. Trad. Cláudia Gerpe Duarte. São Paulo: Paulinas, 1996.

FORTUNA, Carlos (org). *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia*. Oeiras: Celta, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis, Vozes, 1986.

FUMDEC. *Aspectos da realidade da população adulta de rua em Goiânia*, 1999.

_____. *Pesquisa sócio-econômica: famílias com renda inferior a dois salários mínimos em Goiânia, Goiânia*, 1999.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. Trad. Raul Filker. São Paulo: UNESP, 1991.

GILBERTO, Velho (org.) *Família, psicologia e sociedade*. Rio de Janeiro: campus, 1981.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 8. ed. Petrópolis : Vozes, 1999.

GOLDANI, Ana Maria. *As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas*. São Paulo: Caderno de pesquisa, n. 91, p. 7-22, 1994.

GOMES, Walkiria.. *População adulta de rua: a perversa exclusão social*. Fragmentos de Cultura. V.1. Goiânia: IFITEG, 1991.

GUARESCHI, Pedrinho, JOVCHELOVITCH, Sandra. *Textos em representações sociais*. Psicologia social. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

IBÁÑEZ, Jesus. *Por uma sociologia de la vida cotidiana*. 2.ed. México: Siglo Veintiuno Editores, 1997.

JUNCÁ, Denise (org.) *A mão que obra no lixo*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2000.

LANE, Silvia, GODO, Wanderley (orgs.). *Psicologia Social: o homem em movimento*. 13 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LIMA, Ricardo. *50 anos depois*. Relações raciais e grupos socialmente segregados. Goiânia, MNDH, 1999.

MACEDO, Rosa Maria. *A Família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer?* São Paulo: Caderno de pesquisa, n 91, p. 62-68, 1994.

MALINOVSKI, Bronislaw. *Magia, ciência e religião*. Trad. Maria Georgina. Lisboa: Ed. 70, 1988.

MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecualrização*. Trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 1995.

MELA, Alfredo. *A sociologia das cidades*. Trad.: Eduardo Saló. Rio de Janeiro: Artes Gráficas, 1999.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

ODEA, Thomas, F. *Sociologia da religião*. 4.ed. São Paulo: Pioneira, 1969.

OLIVEIRA, Dijaci David (org). *Cadê você*. Brasília: Movimento Nacional de Direitos Humanos - MNDH, 1999.

_____. *50 anos depois: relações raciais e grupos socialmente segregados*. Brasília: Movimento Nacional de Direitos Humanos, 1999.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976.

ORO, Ari Pedro (org.) *Globalização e religião*. Trad.: Andréa d. I. Cardarelo. Petrópolis: Vozes, 1997.

OTTO, Rudolf. *O sagrado*. São Bernardo do Campo: Metodista, 1985.

PARKER, Cristian. *Religião popular e modernização capitalista: outra lógica na América Latina*. Trad. Atílio Brunetta. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1995.

PEREIRA, Cláudio Luiz. Identidade étnica e patrimônio cultural. In.: Carvalho, Maria Rosário G. de (org.). *Identidade étnica, mobilização política e cidadania*. Ed.: UFBA, 1989.

PRIORI, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2001.

REALE, Miguel. *Novo Código Civil Brasileiro*. 2. ed. revista e ampliada: Ed. Revista dos Tribunais, 2002.

RIBEIRO, Ivete (org.). *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995.

_____. *Família e desafios na sociedade brasileira: valores como um ângulo de análise*. São Paulo: Loyola, 1994.

_____. *Igreja católica e estado: matrizes referenciais de valores à família*. São Paulo: Caderno de pesquisa, n.91, p. 86-93, 1994.

RIBEIRO, Zilda Fernandes. *A mulher e seu corpo: magistério eclesiástico e renovação da ética*. Aparecida: Santuário, 1998.

ROCHER, Guy.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *A religião numa sociedade em transformação*. Petrópolis: Vozes, 1997.

SARTI, Cynthia Andersen. *A família como ordem moral*. São Paulo: Caderno de pesquisa, n. 91, p. 46-53, 1994.

_____. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas: autores associados, 1996.

SPOSATI, Aldaíza, FALCÃO, Maria do Carmo. *Os direitos dos desassistidos sociais*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

VALENTE, Waldemar. *Sincretismo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Nacional, 1996.

WACH, Joachim. *Sociologia da Religião*. Trad. Attilio Cancian; revisão técnica Luiz Roberto Beneditti. São Paulo: Paulinas, 1990.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2001.

_____. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Trad. Regis e Karen de Barbosa. Brasília: Editora da Universidade.

ZALUAR, Alba. *Essas pessoas a quem chamamos população de rua*. Salvador: Cadernos do CEAS, n. 151, 1994.

Questionário de pesquisa de campo

- 1- Como você começou a morar nas ruas?
- 2- Como é que você consegue viver?
- 3- O que você acha da forma que vive?
- 4- Quem ou como é você?
- 5- O que pensa sobre Deus?
- 6- O que pensa que Deus acha sobre sua vida atual?
- 7- Na sua concepção, por que há pessoas vivendo nas ruas em uma sociedade com um desenvolvimento técnico-científico já tão avançado?
- 8- O que acha da religião? Tem alguma prática?
- 9- Nós sabemos que existem poucas mulheres moradoras de rua. Você saberia explicar por que?

ANEXOS